



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MARCELO MATTOS JUNIOR

**GEOGRAFIA DO MEDO E SOCIEDADE DE RISCO:
A PANDEMIA DE SARS-COV-2 E SEUS IMPACTOS NA
CIDADE DE CORNÉLIO PROCÓPIO-PR**

Londrina
2022

MARCELO MATTOS JUNIOR

**GEOGRAFIA DO MEDO E SOCIEDADE DE RISCO:
A PANDEMIA DE SARS-COV-2 E SEUS IMPACTOS NA
CIDADE DE CORNÉLIO PROCÓPIO-PR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina – UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Jeani Delgado Paschoal Moura

Londrina
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Mattos Junior, Marcelo.

Geografia do medo e Sociedade de Risco : A pandemia de SARS-CoV-2 e seus impactos na cidade de Cornélio Procópio - PR / Marcelo Mattos Junior. - Londrina, 2022. 79 f.

Orientador: Jeani Delgado Paschoal Moura.

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2022. Inclui bibliografia.

1. SARS-CoV-2 - Tese. 2. Sociedade de risco - Tese. 3. Medo - Tese. 4. Vulnerabilidade - Tese. I. Delgado Paschoal Moura, Jeani. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Exatas. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

MARCELO MATTOS JUNIOR

**GEOGRAFIA DO MEDO E SOCIEDADE DE RISCO:
A PANDEMIA DE SARS-COV-2 E SEUS IMPACTOS NA
CIDADE DE CORNÉLIO PROCÓPIO-PR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina – UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jeani Delgado
Paschoal Moura
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof^a. Dr^a. Léia Aparecida Veiga
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Túlio Barbosa
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Londrina, 19 de julho de 2022

À equipe da Unidade de Pronto Atendimento de Cornélio Procópio e a todos aqueles que assistiram a irreparável perda para esta guerra brutal e que viram ir embora muito mais do que a coragem, mas, o sentimento de segurança e a liberdade de ir e vir tendo que assistir impotente e sem quaisquer saídas a vida de um ente querido, uma pessoa amada, esvair... **A vocês, todo o meu afeto, orações e admiração.**

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar eu gostaria de agradecer a **Deus** por ter me abençoado com a possibilidade de viver esse momento. No meio desse longo percurso passei por diversas experiências que me possibilitaram ver a dádiva que é “*chegar ao outro lado*” após o caminho de cumprimento de créditos, execução de projeto e processo de escrita da dissertação. Seja por questões econômica, emocional ou qualquer outra que impacte esse período muitos não conseguem viver esse dia ainda que tenham sonhado com isso, por isso hoje sou imensamente grato a Deus por isso.

Segundo, gostaria de agradecer a **Profa. Dra. Jeani Delgado Paschoal Moura**, ela foi a pessoa por meio de quem pude ver uma luz no fim do túnel, uma oportunidade que sequer considerava. E isso aconteceu por duas vezes durante esse período da pós-graduação, no primeiro momento quando ela me auxiliou a respeito de uma bolsa de estudos e em seguida, quando recebi a sua mensagem que me trouxe de volta a esse trabalho e me permitiu, por meio de suas ações, viver esse momento. Muito obrigado Jeani, de todo o meu coração.

Agradeço a minha esposa **Patrícia** que foi o meu braço direito nesse processo ao me dar todo o apoio e suporte necessário para que eu pudesse acreditar que era possível mesmo quando tudo dizia que não. Obrigado por acreditar em mim, por sempre me fazer ver as coisas a partir de outra perspectiva e por ter me acompanhado em todo o percurso desde conversas até observações. Esse é mais um dos vários momentos que ficam marcados na nossa história... eu amo o que estamos construindo juntos. Obrigado!

Entre esse período tivemos dois filhos, **Marcelo Neto e Isabela**, a quem agradeço com todo o amor que cabe em meu peito por terem me feito sentir o que jamais achei que seria possível.... Um amor que faz com que eu lute diariamente para conquistar aquilo que eles merecem, buscando todos os dias a melhor versão de mim mesmo, esse é um dos vários passos que dou sentido a isso.

Sou muito grato aos meus pais **Luciane e Marcelo** que receberam a mim e a minha família de braços abertos quando foi necessário nos dando todo o suporte, amor, auxílio e conselhos... Graças a essa rede de apoio não apenas com os nossos filhos, mas com tantos outros acontecimentos de nossas vidas conseguimos concretizar muitos dos nossos sonhos. Serei eternamente grato por ter vocês.

Agradeço à **Profa. Dra. Adriana Castreghini de Freitas Pereira** por ter feito por mim muito mais do que eu merecia. Por ter acreditado que seria possível e por ver quão necessária era essa conclusão de mestrado frente a realidade que eu enfrentava. Obrigada por me auxiliar nesse percurso e por ter aberto os meus olhos para o *Geoprocessamento*. Foi um desafio e tanto, confesso, mas a cada passo e a cada mapa pronto a felicidade com um sentimento de superação era imensa. Obrigado!

Muito obrigado à **Profa. Dra. Léia Aparecida Veiga** e **Prof. Dr. Túlio Barbosa** por terem respondido positivamente ao meu convite e topar contribuir com esse trabalho. Me comprometo a fazer o melhor que puder para que essa pesquisa não termine aqui e tenha desdobramentos futuros. Agradeço desde já por toda a compreensão, pelo tempo disposto para a leitura e por suas contribuições

Agradeço ao **Anderson** que integra a secretaria de pós-graduação do CCE e inúmeras vezes me atendeu prontamente, tirou todas as dúvidas que surgiam até mesmo aquelas que pareciam óbvias e me deu todo o suporte necessário para ter o conhecimento preciso a respeito do programa.

Esse trabalho também não seria possível sem o auxílio da bolsa de estudos ofertada pela **CAPES**. Durante um ano recebê-la me possibilitou realizar as leituras necessárias e compreender melhor o atual contexto. Aproveito os agradecimentos para reforçar a importância dessa iniciativa que possibilita a muitos pesquisadores, além da busca por respostas, correr atrás de seus objetivos. *A ciência salva vidas!*

Obrigado a população de Cornélio Procópio pelas conversas instigantes e, principalmente ao **corpo de enfermeiros da Unidade de Pronto Atendimento de Covid** da cidade. O trabalho de vocês fez e ainda faz toda a diferença, *e/e é fundamental*. O meu desejo do fundo do coração é de que sejam devidamente reconhecidos por isso.

Por fim, agradeço ao **Prof. Dr. Pedro Henrique Carnevalli Fernandes** que fez parte de toda essa trajetória. Ainda na graduação foi ele o responsável por me instigar a estar aqui. Sou grato por seus ensinamentos e, sobretudo hoje, por sua amizade.

Sem mais delongas, obrigado a todos que contribuíram para que esse trabalho chegasse até aqui. Isso só foi possível graças a cada um que fez parte dessa importante trajetória.

Há muitas maneiras de matar uma pessoa. Cravando um punhal, **tirando o pão, não tratando sua doença, condenando à miséria, fazendo trabalhar até arrebentar, impelindo ao suicídio**, enviando para a guerra etc. Só a primeira é proibida por nosso Estado. **(Bertold Brecht)**

MATTOS JUNIOR, Marcelo. **Geografia do medo e sociedade de risco: A pandemia de SARS-CoV-2 e seus impactos na cidade de Cornélio Procópio-PR.** 2022. 75 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

RESUMO

Globalização, modernidade e capitalismo são palavras que trazem de imediato o olhar egocêntrico que o acúmulo de capital permite, todavia, a partir do ano de 2019, que marca o início da pandemia mundial de SARS-CoV-2, a globalização negativa emerge e finca as suas raízes nos mais variados contextos, principalmente no urbano. Vivenciado por uma sociedade em constante transformação esse cenário recebe o impacto do desconhecido: um vírus invisível que toma conta dos mais variados espaços causando medo, incerteza, insegurança, angústia, entre tantos outros sentimentos. Neste sentido e no intuito de corroborar com o atual cenário, o objetivo da pesquisa aqui apresentada é identificar os impactos da pandemia de SARS-CoV-2 bem como a construção dessa sociedade de risco a partir da ótica da cidade de Cornélio Procópio e suas medidas. Todavia, é crucial não perder de vista o fato de que as pesquisas atuais no que diz respeito ao cenário pandêmico são apenas o começo do que virá. Sendo assim, como uma das metodologias adotadas foram realizados levantamentos bibliográficos que se iniciam a partir da triagem de Revistas científicas com *Qualis A1 à B2* da Plataforma Sucupira, especificamente da área de Geografia e com publicações nacionais, dos anos de 2020 a 2021. Um dos principais resultados alcançados nesse processo é a percepção de que se que as pesquisas científicas estão com os seus olhos voltados à essas vivências na tentativa de descobrir maiores informações a respeito dos atuais acontecimentos e do vírus desconhecido. Por consequência, a parcela social que se encontra vivenciando as desigualdades latentes imposta por um mundo líquido moderno e capitalista vão sendo pouco a pouco percebidas. Assim, a passos lentos, vai se formando a sociedade de risco, que vivencia o risco social que Marandola Jr. (2004) intitula *social hazards*. Conclui-se que frente ao perigo, a sociedade agora percebe que todos estão expostos e vulneráveis, mas os riscos por sua vez não são iguais para todos, ele tem o seu ‘público-alvo’: Aqueles que vivenciam cotidianamente o impacto das ações governamentais tardias, do desespero pela falta de poder aquisitivo e da fome que vem por consequência e assim, passam a minimamente tornarem-se visíveis.

Palavras-chave: SARS-CoV-2; Cornélio Procópio; sociedade de risco; insegurança; incertezas; medo; vulnerabilidade.

MATTOS JUNIOR, Marcelo. **Geography of fear and risk society:** The SARS-CoV-2 pandemic and its impacts on the city of Cornélio Procópio-PR. 2022. 75 p. Dissertation (Master in Geography) – State University of Londrina, Londrina, 2022.

ABSTRACT

Globalization, modernity and capitalism these are words that immediately bring the egocentric gaze of capital accumulation, however from the year 2019, which marks the beginning of the world pandemic of SARS-CoV-2, negative globalization emerges and places roots in the most varied contexts, mainly in the urban. Experienced by a society in constant transformation, this scenario receives the impact of the unknown: an invisible virus that takes over the most varied spaces causing fear, uncertainty, insecurity, anguish, among many other feelings. In this sense and in order to corroborate with the current scenario, the objective is to identify the impacts of the SARS-CoV-2 pandemic as well as the construction of this risk society from the perspective of the city of Cornélio Procópio and its measures. However, it is crucial not to lose sight the fact that current research regarding the pandemic scenario is just the beginning of what will come. Thus, as one of the methodologies adopted, bibliographic surveys were carried out that start from the screening of scientific journals with Qualis A1 to B2 from the Sucupira Platform, specifically in the area of Geography and with national publications, from the years 2020 to 2021. One of the main results achieved in this process is the perception that if scientific research is focused on these experiences in an attempt to find out more information about current events and the unknown virus. Consequently, the social portion that is experiencing the latent inequalities imposed by a modern and capitalist world are gradually being perceived. Thus, at slow pace, the risk society is forming, who experiences the social risk that Marandola Jr. (2004) calls social hazards. It is concluded that in the face of danger, society now realizes that everyone is exposed and vulnerable, but the risks in turn are not the same for everyone, it has its 'target audience'. Those who experience daily the impact of late government actions, despair by the lack of purchasing power and hunger that comes as a result and so they become minimally visible.

Key words: SARS-CoV-2; Cornélio Procópio; society of risk; insecurity; uncertainty; fear; vulnerability.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Mapa de localização de Cornélio Procópio	39
Figura 2 –	Mapa de localização dos municípios pertencentes a 18 ^a Regional de Saúde do Paraná e Município de Cornélio Procópio	40
Figura 3 –	Casos confirmados de Covid-19 nos Municípios da 18 ^a Regional de Saúde.....	42
Figura 4 –	Óbitos por COVID-19 nos municípios que integram a 18 ^a Regional de Saúde.....	43
Figura 5 –	Porcentagem de pessoas imunizadas contra a COVID-19 (2 ^a dose + dose única).....	48
Figura 6 –	Nuvem de palavras sobre o cenário pandêmico, formadas a partir do ponto de vista dos moradores de Cornélio Procópio- PR	54
Figura 7 –	Evolução das pesquisas sobre Covid-19 nas revistas científicas ..	59
Figura 8 –	Evolução das pesquisas sobre Covid-19 nas revistas científicas ..	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 2 – Medidas oficialmente adotadas pela cidade de Cornélio Procópio por meio de Decretos	44
Quadro 3 – Olhares plurais: O retrato do Brasil frente à pandemia de SARS-CoV-2	56
Quadro 4 – Produções sobre a Pandemia de SARS-CoV-2	62
Quadro 5 – Evolução das pesquisas científicas no cenário da Pandemia de SARS-CoV-2	64

SUMÁRIO

PRÓLOGO	12
INTRODUÇÃO	16
1 A LINHA EVOLUTIVA DO VÍRUS SARS-COV-2	24
2 SOCIEDADE DE RISCO: UMA ELUCIDAÇÃO TEÓRICA.....	30
3 A ESPACIALIZAÇÃO DA PESQUISA: A CIDADE DE CORNÉLIO PROCÓPIO, PARANÁ NA EXPOSIÇÃO AO RISCO EMINENTE.....	35
3.1 A CIDADE DE CORNÉLIO PROCÓPIO, PARANÁ NA EXPOSIÇÃO AO RISCO EMINENTE	41
4 SOCIEDADE DE RISCO: A POPULAÇÃO DE CORNÉLIO PROCÓPIO E OS SEUS OLHARES FRENTE AOS RISCOS GERADOS PELA PANDEMIA.....	52
5 A TEORIA ALIADA À COMPREENSÃO DO VÍRUS: DA NECESSIDADE À EVOLUÇÃO DAS PESQUISAS CIENTÍFICAS	63
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
7 REFERENCIAS	74

PRÓLOGO

Cornélio Procópio, 08 de janeiro de 2021
(texto atualizado pela última vez em 30 de setembro de 2022)

O que é a Geografia? É o espaço habitado pela pessoa que sai de casa e se vê obrigada a trabalhar em meio à uma pandemia e aquele em que também habita a pessoa, que de um condomínio de luxo observa o nascer do dia em um conglomerado de prédios que dão a ela o benefício das melhores paisagens urbanas daquela cidade sem se preocupar se ali, longe da realidade que ela acredita existir, pessoas se arriscam diariamente para ter, ao menos, um salário-mínimo por mês.

São essas histórias e relações que vão compondo uma ciência que se preocupa com estudos acerca das relações da sociedade e o meio ambiente e que, há nove anos tem a minha atenção e dedicação no que se refere às pesquisas e produções científicas.

No ano de 2013, na Universidade Estadual do Norte do Paraná, iniciei o curso de Geografia. No primeiro ano me dediquei em compreender o que estudava esta ciência e aprender a vê-la para além da Geografia ensinada no Ensino Fundamental ou Médio. Estas experiências, infelizmente, me ensinaram a vê-la a partir de uma perspectiva que leva as pessoas a acreditarem que Geografia é saber ‘onde fica a capital do Azerbaijão’.

Após dois anos estudando, comecei a pensar em todas as disciplinas que chamavam a minha atenção, entre elas a Geografia Urbana sempre me trouxe maiores inquietações, sendo assim, iniciei um projeto de iniciação científica, orientado pela profa. Dra. Coaracy Eleutério da Luz que se preocupava em estudar os espaços públicos de Cornélio Procópio, **momento em que percebi os vários problemas existentes nesta cidade.**

Neste mesmo ano, também iniciei pesquisas junto à um grupo coordenado pelo prof. Dr. Pedro Henrique Carnevalli Fernandes, sobre as diferentes e variadas faces da violência nas pequenas cidades, que mais tarde, tornou-se o meu tema de TCC¹. Após a defesa de meu trabalho de conclusão de curso, percebi que a

¹ MATTOS JUNIOR, Marcelo. **As faces da violência nas pequenas cidades de Itambaracá e São Jerônimo da Serra, Norte do Paraná.** 2016. 66 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura plena em Geografia) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, 2016.

violência se trata de um problema que precisa ser estudado e questionado. Assim, construí o meu projeto de Mestrado, que se baseava na compreensão da violência na cidade de Cornélio Procópio, tendo agora duas de minhas principais preocupações e estudos da graduação juntos: A violência e a cidade de Cornélio Procópio. Ainda que este não fosse ser utilizado naquele momento, a sua construção foi muito importante para deixar ali registrada de maneira instigante e inquietante o sonho da pós-graduação.

A experiência do Mestrado sempre foi algo considerado distante, afinal, assim como uma sociedade quando se vê frente aos riscos (sejam eles de qualquer categoria) e à incerteza do amanhã, estava eu em relação aos meus caminhos após a graduação. Como ocorre com outros cidadãos brasileiros o principal questionamento que permeava a minha mente naquele momento em que me despedia da Universidade na qual cursei a graduação e da qual fiz lugar – utilizando o conceito geográfico de lugar afetivo uma vez que pude me relacionar com esta de maneira tão próxima – era a preocupação com o meu sustento/trabalho.

Assim, no final ano de 2018, quase dois anos após o término dela e com a vida pouco mais estabilizada me preparei para trilhar os primeiros passos rumo ao que seria uma trajetória de intensas descobertas, muitos questionamentos e resgate de mim mesmo. Me desprender da Geografia por dois anos para pensar apenas no mercado de trabalho foi um processo árduo, vi todas as construções até ali caindo no esquecimento e a necessidade de resgatá-las urgia.

Após a aprovação, já no ano de 2019 me organizei de forma que o primeiro ano me permitisse uma reconexão com as temáticas por meio das disciplinas cursadas para dar sequência na pesquisa relativa à violência nas pequenas cidades, assunto pelo qual me interessei na graduação. Entre elas *Produção e Reprodução do Espaço Urbano e Redes Organizacionais* e *Sustentabilidade* me permitiram pensar em novas possibilidades ainda seguindo a lógica de meu primeiro projeto, enquanto, *Métodos em Geografia e Pesquisa Científica* e *Perspectiva Teórico-Metodológica* reavivaram conhecimentos tão necessários e pertinentes para o universo da pesquisa científica que o processo da pós-graduação possibilita.

No ano de 2020, porém, após finalizar as disciplinas obrigatórias do programa e prestes a dar os primeiros passos rumo à pesquisa da presente dissertação uma pandemia mundial se iniciou, e com ela mais uma nova preocupação se junta às anteriores: **Como a sociedade tem recebido isso frente a tantas desigualdades?**

Pesquisando a fundo, procurei compreender, por incentivo próprio, motivado pela dúvida, pesquisas sobre a Geografia do medo e as desigualdades sociais latentes, assim, decidi, após conversa com a minha primeira orientadora Profa. Dra. Adriana Castreghini de Freitas Pereira, realinhar o meu foco de pesquisa.

Nesse momento pude perceber o quanto a disciplina por ela ministrada *Geoprocessamento e Geotecnologias aplicados à Ciência Geográfica* se fazia necessária na ciência geográfica pois, permitiu ampliar o meu olhar para identificar novos caminhos e possibilidades tão pertinentes e necessários. Entendi que Geoprocessamento não se trata apenas da produção de mapas seguindo uma lógica quantitativa. Trata-se da busca por soluções para problemas sociais e representa em toda a sua construção a relação do homem com o meio, sistematizada de maneira organizada e possível por meio de dados quantitativos.

Assim delineou-se a presente pesquisa que tem como situação problema a atual pandemia do Coronavírus (SARS-CoV-2²) e uma sociedade envolta pelo medo: da doença, da morte, do desemprego, da miséria, da fome, da falta de moradia, dentre tantos outros, mas principalmente envolta de questionamentos que as levam à incerteza do amanhã, a sociedade moderna ou melhor, sociedade de risco. Esta que é frequentemente bombardeada por informações, mas pouco ou quase nada por esperança de dias melhores, de vida digna e tranquila. “Jamais houve na história um período em que o medo fosse tão generalizado e alcançasse todas as áreas da nossa vida: medo do desemprego, medo da fome, medo da violência, medo do outro.” (SANTOS, 2002, p. 59)

O pensamento de Milton Santos data do ano de 2002, 20 anos do atual cenário no Brasil, todavia, é tão atual quanto um pensamento recentemente escrito, acreditariamos se nos dissessem que a data de publicação faz referência em específico ao ano de 2021, pois talvez em nenhum outro momento como este foi tão importante e, ao mesmo tempo, esclarecedora tal reflexão.

No ano de 2020 com o auxílio da CAPES, por um período de 12 meses pude me dedicar integralmente à evolução da pesquisa, o que me possibilitou recuperar o

² The SARS-CoV-2, previously known as the 2019-novel coronavirus 2019-nCoV, is a newly identified β-coronavirus that caused an epidemic of acute respiratory syndrome in humans, which started in December 2019 in the context of a seafood market in Wuhan, China. Later, in February 2020, The World Health Organization (WHO) named the disease as corona-virus disease 2019 (COVID-19). The COVID-19 has now progressed to be transmitted by human-to-human ‘contact’ and spread within few months not only throughout China but also worldwide [...] Typical clinical symptoms of COVID-19 patients are fever, dry cough, breathing difficulties, headache and pneumonia and in some cases gastrointestinal infection symptoms. (LAUXMANN, 2020, p. 7)

tempo que havia deixado e realizar leituras que se tornariam imprescindíveis para esse processo. Devido à situação pandêmica foi criado com a orientação da Profa. Dra. Adriana Castreghini de Freitas Pereira (UEL) e do Prof. Marcelo Augusto Rocha (UNILA) o projeto ATLAS EDUCAÇÃO PARANÁ. Ainda que não tenha participado ativamente deste devido ao desenvolvimento da pesquisa, participar de alguns de seus grupos e discussões foi um dos pontos auxiliadores da construção do trabalho que aqui se apresenta.

Ainda que enriquecedora, vivencio esse momento com a certeza que a minha “saída” e conclusão deste trabalho deve e pode possibilitar a abertura de novos questionamentos e possibilidades de encaminhamento e reitero que todo o esforço aqui creditado também por minha primeira orientadora resultará em frutos para a pesquisa científica nacional e para o Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEL que me acolheu, me resgatou e fez com que eu percebesse que a realidade que hoje vivencio e que foi de muitas retirada deve me tirar de minha zona de conforto, do meu lugar comum para gerar um resultado que se permita ser a resposta, não à todos, mas ao menos a alguns dos vários questionamentos que se irromperam.

É importante reforçar que este foi um trabalho escrito e totalmente desenvolvido durante a pandemia de SARS-CoV-2. Em meio às pesquisas iniciadas no ano de 2020 é importante relatar que o medo foi por mim também vivenciado. Ainda que eu não seja integrante da sociedade de risco, seja àquela que integra essa estrutura social desigual que forja o nosso país ou os que apresentam comorbidades, ao contrair o vírus, que até então era desconhecido, pude perceber a inconstância e a incerteza que é o nosso caminhar.

O risco ainda que não seja igual para todos, existe para todos. Ao finalizar este trabalho somam-se no Brasil 686.877 óbitos. Foram mais de 34 milhões de casos confirmados no transcorrer de pouco mais de dois anos. O que dilacera, entretanto, é o número de casos recuperados apresentar pouco mais de 33 milhões, deixando ali, evidenciado e muito claro a quem queira ver o quão problemático foi, é e seguirá por muito tempo sendo esse cenário.

Marcelo Mattos Junior.

INTRODUÇÃO

O medo é um dos vários sentimentos que movem a sociedade – há o medo pela integridade física, da violência existente no cenário urbano, dos desastres naturais, de perder o emprego, de não ter onde morar, da morte, entre tantos outros que podem estar associados tanto à questão física quanto intelectual – mental. Esses medos são resultados de uma sociedade moderna que vivencia mudanças aceleradas e a recusa da incerteza do amanhã.

Durante a pandemia de Coronavírus (SARS-CoV-2), popularmente conhecida como Covid-19 (abreviação para coronavírus 2019), as diversas ciências se reuniram e a partir de suas diferentes perspectivas de análise debruçaram-se na leitura e compreensão do cenário (incerto e de risco) pandêmico. Com incontáveis questionamentos, ciências sociais, exatas, humanas, da saúde e tantas outras, reuniram-se em um esforço teórico e prático para tentar encontrar uma solução urgente para a doença ou dar os primeiros passos para uma solução, tendo em vista que este é um problema que atinge o homem e a sua integridade física, reforçando aqui os seus laços com o medo e colocando-o como protagonista de suas relações com o próprio homem e com o meio.

Enquanto esses diversos esforços científicos foram sendo praticados, dados mais atualizados sobre o vírus e suas consequências na vida das pessoas foram surgindo, aumentando ainda mais o sentimento de medo e a insegurança que carrega com ela a incerteza, causando angústias, desespero a níveis local, nacional, continental e mundial, mas, principalmente, a necessidade de adoções de medidas assertivas por parte dos órgãos governamentais que estão à frente da tomada de decisões relativas ao combate à esse cenário.

Representar por meio deste trabalho de cunho geográfico uma das várias iniciativas de pesquisa referente ao cenário pandêmico, é tal como afirma Alves (2020, p. 50) a constatação “[...] do quanto a ciência geográfica enquanto ciência é capaz de explicar a realidade em que vivemos [...]. Compreender, portanto, os impactos do vírus na realidade contemporânea e a sociedade moderna enquanto uma sociedade de risco é debruçar-se sobre o homem e sua relação com o meio.

Partindo desta prerrogativa, é importante enfatizar que, de maneira explosiva e extremamente rápida o vírus se dispersou pelo mundo impactando a população mundial, uma crise que de acordo com Santos (2021) não se contrapõe à realidade

que se impõe desde a década de 1980, mas pelo contrário ratifica o objetivo de uma crise que se instala no intento de não ser resolvida e que por sua vez traz a legitimação da concentração de riquezas. Ainda de acordo com o autor “[...] a pandemia vem apenas agravar uma situação de crise que a população mundial tem vindo a ser sujeita” (SANTOS, 2021, p. 2). E assim, os perigos vão aumentando e, por consequência os riscos e a sociedade moderna vão se forjando cada vez mais como uma sociedade de risco evidenciada por um *social hazard*³.

Junto a esse contexto foi possível observar a hierarquização das cidades que já era eminente, se fortificar ainda mais, afinal, as mesmas condições não se estendem para todos visto que, tal como afirma Sanfeliu e Torné (2003, p. 2) “[...] las grandes ciudades son las más estudiadas, las más conocidas, las más admiradas/repudiadas, las más filmadas y reproducidas en el cine, las artes y los medios audiovisuales”. Porém, em contrapartida, as pequenas cidades que desempenham a função de Centro de Zona⁴ de acordo com a hierarquização do espaço urbano (REGIC, 2020), se constroem como importantes refúgios sociais, pois integram a rede urbana e auxiliam-na a partir de medidas que alcançam também os Centros locais do entorno e que por sua vez se encontram distantes das grandes metrópoles. Logo, a partir desta prerrogativa, delineou-se esta pesquisa.

Em uma tentativa de aproximação entre o atual cenário e a Geografia, chegou-se ao objeto principal, sendo ele, a sociedade de risco pois é ela que está à frente sendo a receptora dos impactos sejam eles sociais ou econômicos que o atual contexto provoca. É ainda esta que se constrói como sociedade de risco frente à adoção de medidas governamentais – ou a falta delas.

É importante aqui reconhecer que os impactos então vivenciados irão se alastrar à toda a sociedade e não apenas à população, pois, usando a diferenciação de Volochko (2020)

[...] a população é uma pré-condição para a existência de uma sociedade; a sociedade vai sendo composta por populações, e estas, por sua vez, vão sendo compostas por gerações de indivíduos/famílias. A população nos remete à uma noção de tempo

³ Este conceito é desenvolvido no **Capítulo 2**, todavia, para auxiliar na compreensão de sua utilização já nesse momento introdutório adiantamos aqui a sua explicação. Logo, estar em risco é estar suscetível à um *hazard*. Os *hazards*, de acordo com o mesmo autor, ao realizar uma análise do trabalho de David Jones podem ser divididos em três categorias de análise, sendo os *social hazards* aqueles que são resultado do comportamento humano (MARANDOLA JR., 2004).

⁴ A hierarquização e terminologias aqui utilizadas a respeito do espaço urbano teve como base a publicação atualizada da série Regiões de Influência das cidades (REGIC) do ano de 2020 publicada pelo IBGE. Maiores explicações sobre o assunto encontram-se no **Capítulo 3**.

também em uma dimensão biológica: do nascimento à morte, passando pela reprodução, sendo o tempo da população mais curto que o tempo da sociedade. (p. 35-36)

Logo para estudar a sociedade formada pela população atual frente ao atual cenário (de 2020 ao final de 2021) foi delimitado como recorte espacial a cidade de Cornélio Procópio, tendo em vista que são as cidades o *lócus* das relações sociais, das transformações e local onde a sensação de risco e perigo é construída a partir das experiências e relações humanas, reforçando assim como um dos questionamentos-base dessa pesquisa compreender de que maneira o contexto pandêmico, o sentimento de medo e insegurança está associado à cidade e qual é a importância de pesquisar a sua evolução.

A escolha da cidade de Cornélio Procópio para a presente reflexão se justifica inicialmente devido à preocupação no que diz respeito à evolução do número de casos de coronavírus, seguido do fato de o espaço urbano – a cidade, de acordo com Alves et. al. (2021) não é um espaço neutro, inerte e improvável seria o ser frente à era moderna, mas ainda, se coloca como um espaço de sobrevivência e evolução de acordo com as necessidades e os cenários que a ela se apresentam.

Compreender a atual conjuntura, pede o esforço teórico de pesquisadores das mais diferentes áreas, sendo assim, para auxiliar no desenvolvimento desta pesquisa, foi realizado inicialmente um levantamento bibliográfico pautado na linha evolutiva do vírus SARS-CoV-2 tendo como principal base as pesquisas e publicações da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Em seguida, foram analisadas as discussões de pequenas e médias cidades, para que assim pudéssemos diferenciá-las levando em consideração todos os seus parâmetros (dimensão, densidade demográfica, rede de influência entre outros), seguido de leituras a respeito da modernidade, suas transformações e por fim, a sociedade de risco na era moderna e pós-moderna.

É importante também ressaltar que para compreender a evolução das pesquisas científicas a respeito do atual cenário foi realizado um levantamento bibliográfico que se iniciou a partir da triagem de Revistas científicas com *Qualis A1* à *B2* da Plataforma Sucupira, especificamente da área de Geografia e com publicações nacionais, dos anos de 2020 a 2021.

No que diz respeito à Geografia, seja ela Humana ou Física, levando em consideração a dicotomia geográfica, temos variados instrumentos/técnicas de

obtenção de dados, como entrevistas, questionários, análises documentais, amostragens, análises de discursos, experimentos entre tantos outros que compõem metodologias de pesquisa delineadas e que variam de acordo com o objetivo que se busca alcançar.

Partindo do pressuposto de que esta é uma pesquisa qualitativa, comprehende-se que os passos seguidos para a sua construção têm como objetivo clarificar as ideias sistematizadas por meio do domínio de conceitos, teorias e dos métodos utilizados. Ao elucidar o passo a passo e as etapas que aqui foram adotadas, é necessário partir do questionamento, ou seja, da problemática que nos propomos a investigar neste trabalho.

É importante ressaltar que o trabalho do viés qualitativo não se apresenta de maneira rigidamente estruturada, ou seja, o pesquisador durante o processo de análise e execução de cada uma das etapas pode se propor a explorar novos enfoques que lhes foram sendo apresentados durante o embasamento teórico (GODOY, 1995). Assim, cabe aqui ressaltar que essa pesquisa passa a ganhar uma nova percepção após a construção de sua estrutura inicial quando o objeto de estudo era ainda a violência.

Essa mudança se justifica no fato de que no ano de 2020 o mundo passou a vivenciar mudanças provocadas pelo cenário pandêmico mundial ocasionado pelo vírus SARS-CoV-2. Frente a esse cenário e já em contato com o conceito de sociedade de risco, possibilitado pelo estudo da violência, surge o questionamento: Não seria esse mais um dos vários riscos à sociedade moderna? E assim surge um novo enfoque e interesse de pesquisa.

Logo, o objetivo principal que se busca alcançar utilizando tal método de análise é compreender os impactos da pandemia de SARS-CoV-2 na sociedade moderna, mais especificamente a construção da sociedade de risco a partir da ótica da cidade de Cornélio Procópio. Parte-se da hipótese de que a sociedade moderna se apresenta também como uma sociedade de risco pois, seguindo a colocação de Marandola (2004) está exposta à um *hazard* que contribui, junto aos dados quantitativos que vão sendo apresentados de aumento de número de casos e número de óbitos, e também à falta de conhecimento e adoção tardia de medidas protetivas por parte das organizações governamentais, com o aumento do sentimento do medo frente à exposição à um perigo que tem um risco muito maior àqueles que estão em situação de vulnerabilidade.

Para o desenvolvimento da pesquisa, optamos por ter como recorte espacial a cidade de Cornélio Procópio. A grande preocupação das ciências no debruçar-se sobre as grandes metrópoles tem de certa forma tornado invisível os grandes problemas existentes nas médias e pequenas cidades e alimentado a ideia de que são locais pacatos, calmos, tranquilos e com poucos problemas no que diz respeito à sua infraestrutura e segurança.

Assim, a metodologia foi dividida em etapas: no primeiro momento optou-se pela pesquisa documental ou levantamento bibliográfico, bem como a revisão de literatura relacionadas à temática a pandemia do Coronavírus (Sars-CoV-2), dados e informações relativas à cidade de Cornélio Procópio, livros que discutem a modernidade e a globalização tal como Giddens (1991, 2002) e Bauman (2007) e a Sociedade de risco e assuntos concernentes a ela.

Levando em consideração que, de acordo com Godoy (1995, p. 22) “[...] o estudo qualitativo pode, [...] ser conduzido através de diferentes caminhos”, que vão surgindo de acordo com os encaminhamentos da pesquisa. Também foi adotado o Estudo de caso que possibilita uma análise aprofundada do sujeito analisado – sendo esta a sociedade de risco, bem como de seu ambiente. Ainda de acordo com Godoy

O estudo de caso [é adotado] [...] quando os pesquisadores procuram responder às questões “como” e “por quê” certos fenômenos ocorrem, quando há pouca possibilidade de controle sobre os eventos estudados e quando o foco de interesse é sobre fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de algum contexto de vida real. (GODOY, 1995, p. 26)

Inicialmente, para chegar às respostas necessárias e compreensão do contexto, optou-se também por utilizar como técnica a aplicação de questionários com perguntas ordenadas que foram respondidas de maneira escrita pelos respondentes. O primeiro questionário aplicado foi respondido de forma online, levando em consideração o cenário pandêmico, porém, foi aplicado para a população em geral (não apenas da Cidade de Cornélio Procópio) como forma de compreender o cenário e as suas consequências e assim ir passo a passo delineando a pesquisa.

A mesma técnica seria adotada na cidade de Cornélio Procópio para compreender a visão dos moradores da cidade e dos trabalhadores atuantes na linha de frente de combate ao vírus como enfermeiros (as), técnicos (as) de

enfermagem, médicos (as), auxiliares, entre outros. Todavia, levando em consideração que o objetivo era ter a sua visão a respeito do assunto sem quaisquer influências que perguntas direcionadas poderiam acarretar, *in loco*, ou seja em seu ambiente de vivência e trabalho, optou-se por uma conversa aberta que não tinha perguntas fechadas específicas, mas, um direcionamento possibilitado pelas leituras e levantamento documental previamente realizado a respeito do contexto analisado.

O resultado de tais encaminhamentos segue na pesquisa aqui apresentada que tem como objetivo, com o auxílio de técnicas como a construção de mapas, tabelas e gráficos, ir além da análise quantitativa do vírus, entendendo a sua ótica a partir da perspectiva dos riscos absorvendo o olhar plural dos moradores da cidade de Cornélio Procópio.

1 A LINHA EVOLUTIVA DO VÍRUS SARS-COV-2

O coronavírus, cientificamente conhecido como SARS-CoV-2 é a junção de **SARS**, abreviação para *Severe Acute Respiratory Syndrome* [Síndrome Respiratória Aguda Grave], **COV** que é a abreviação de coronavírus, ou seja, a família do vírus à qual pertence e **2** devido à sua semelhança a outra espécie de vírus da família coronavírus que ocorreu no ano de 2002 e ficou conhecida como SARS-CoV.

Muito se questionou sobre a origem do novo coronavírus para além da origem geográfica, ou seja, a transmissiva. As primeiras informações relativas a esse cenário surgiram junto às chamadas *fake news* que de acordo com o Instituto Butantan (2022) pode inclusive ser considerada como uma outra “epidemia”. Partindo desta prerrogativa, o próprio Senado (2021) ratifica que tais colocações prestam um grande desserviço ao enfrentamento da pandemia, tendo em vista que desconstroem orientações médicas e campanhas que tem como consequência o caminhar a passos lentos.

Logo quando surgem os primeiros sinais, as várias dúvidas relativas à origem transmissiva foram alvos de indagações, olhares curiosos, mas, principalmente, das falsas notícias que foram amplamente divulgadas em redes sociais e levaram à reflexão acerca da necessidade do esclarecimento da população no que diz respeito à essas questões, sendo inclusive alvo de debates em reuniões da Comissão Temporária da Covid-19 (CTCOVID) do Senado (2021).

De acordo com o relatório intitulado “*WHO-convened global study of origins of SARS-CoV-2: China Part*” [Estudo Global convocado pela OMS sobre as origens do SARS-CoV-2: Região da China], publicado em fevereiro de 2021 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o novo coronavírus é um vírus que pode ser chamado de zoonótico pois, é de origem animal e pode infectar seres humanos como a Dengue. O material genético analisado indica espécies de vírus também encontradas em morcegos (semelhança de 96,2%), porém, quando o relatório foi divulgado a fonte de transmissão ainda era um ponto obscuro para os cientistas que estavam debruçados sobre essa questão.

Assim, tendo um importante papel na disseminação de informações, as redes sociais passaram a replicar a notícia de que a primeira transmissão do vírus poderia ter ocorrido devido ao escape do vírus em um Instituto de Virologia em Wuhan, o que logo foi pontuado como algo extremamente improvável. Enquanto a afirmação

de que a passagem do vírus por meio de produtos alimentícios se tornou uma possibilidade assertiva.

Assim, partindo para a análise evolutiva, em **12 de dezembro de 2019** é registrado o primeiro grupo de pacientes apresentando sintomas como falta de ar e febre em Wuhan, província de Hubei, na China, até que em **31 de dezembro** os representantes da OMS na China foram informados de casos de pneumonia de origem desconhecida, tendo em comum a conexão à um mercado de Frutos do Mar de Huanan, localizado na Província de Wuhan, o que fortalece a hipótese principal de que o vírus foi inicialmente transmitido por produtos alimentícios.

A partir deste momento a atenção da OMS se volta aos acontecimentos relativos à essa nova doença, ativando os seus três níveis de gerenciamento de incidentes – nacional, regional e a sede. Porém, 15 dias depois opta por dar passos lentos ao não declarar os acontecimentos recentes como uma emergência à saúde, o que prova uma atitude não assertiva tendo em vista que em **31 de janeiro de 2020**, apenas nove dias depois, o Comitê de Emergência do Regulamento Sanitário Internacional da OMS, devido ao avanço dos casos de SARS-CoV-2 para outros países declara o surto do novo coronavírus.

No mês de **fevereiro** Wuhan se tornou o epicentro da contaminação e iniciou a adoção de medidas restritivas que seriam alastradas pelo mundo todo, como o *lockdown*. A partir desse momento as pessoas e seus familiares teriam dificuldade para voltar a seus países de origem e ficariam restritas ao local onde se encontravam para assim evitar o alastramento do vírus por meio das redes aéreas. Para ratificar essa tomada de decisão foi sancionada a Lei Nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020 que dispunha de medidas de enfrentamento da emergência pública de importância internacional relativas ao surto de coronavírus. Entre as medidas estavam:

- I – isolamento;
- II – quarentena;
- III – determinação de realização compulsória de:
 - a) exames médicos;
 - b) testes laboratoriais;
 - c) coleta de amostras clínicas;
 - d) vacinação e outras medidas profiláticas; ou
 - e) tratamentos médicos específicos;
- IV – estudo ou investigação epidemiológica;
- V – exumação, necropsia, cremação e manejo de cadáver;
- VI – restrição excepcional e temporária de entrada e saída do País, conforme recomendação técnica e fundamentada da Agência

Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), por rodovias, portos ou aeroportos;

VII – requisição de bens e serviços de pessoas naturais e jurídicas, hipótese em que será garantido o pagamento posterior de indenização justa; e

VIII – autorização excepcional e temporária para a importação de produtos sujeitos à vigilância sanitária e sem registro da Anvisa, desde que:

- a) registrados por autoridade sanitária estrangeira; e
- b) previstos em ato do Ministério da Saúde.

(BRASIL, 2020, s. p.)

Assim, em **23 de fevereiro** após se tornar um *hotspot* global do vírus e em período posterior à confirmação da província de Wuhan como epicentro, a Itália precisou também reunir medidas urgentes para conter a crise epidemiológica que vinha enfrentando. Em meio ao caos, um morador da cidade de São Paulo, Brasil, de 61 anos voltara recentemente de sua visita ao novo lócus do vírus, e assim, após 20 dias de lei promulgada, em **26 de fevereiro** é confirmado o primeiro caso de Covid-19 (nome utilizado popularmente como abreviação para coronavírus 2019) no Brasil, sendo esse por sua vez também o primeiro caso da América Latina.

Em **11 de março**, o número de países afetados é triplicado e consequentemente o status de emergência de saúde pública de importância internacional é alterado para pandemia. No dia seguinte, em 12 de março de 2020, o primeiro óbito no Brasil é registrado pelo Ministério da Saúde, sendo a vítima uma mulher, moradora da cidade de São Paulo de apenas 57 anos.

No dia **13 de março**, quinze dias após o primeiro caso confirmado no país e dois após o primeiro óbito é anunciado que o primeiro paciente brasileiro diagnosticado com SARS-CoV-2 foi curado. Em contrapartida, três dias depois o país já somava 234 casos confirmados pela chamada transmissão comunitária, ou seja, já não era mais possível identificar a origem da contaminação, o que abre uma nova fase no que diz respeito às estratégias de contenção e prevenção da doença. É nesse momento que o Ministério da Saúde regulamenta os critérios de isolamento e quarentena que deverão ser adotados.

Em **21 de março** o Brasil já somava 18 mortes, o que evidencia a alta letalidade do vírus. É nesse momento que o presidente anuncia o funcionamento de serviços essenciais afirmando que o país não pode parar totalmente ainda que no cenário pandêmico. Tal medida além de manter a circulação do vírus evidencia o medo da população no que diz respeito à sua dispersão e ao fato de estar em risco.

No dia **22 de março**, um dia após a adoção das medidas supracitadas, o então presidente ainda autoriza uma medida provisória em que autoriza a suspensão do contrato de trabalho entre empregado e empregador pelo período de até quatro meses adicionando ao medo evidente uma nova face, a do desemprego.

Em **28 de março**, sete dias desde a soma de 18 mortes o número se modifica e sobe para 114 o número de óbitos. O avanço é rápido e as medidas tal como é possível observar não acompanham a sua velocidade. Do primeiro caso ao dia 28 passaram-se apenas 25 dias e o número de casos confirmados beira os 4 mil. O medo já se torna uma cena cotidiana, como a vista de uma janela. Não o encarar se torna inevitável.

Em **7 de abril** o número de óbitos já havia ultrapassado os 500. Neste momento uma nova epidemia se instala em território brasileiro, a da *Fake News*, em 23 discursos oficiais e inclusive durante a Assembleia Geral da ONU, o então presidente defende o uso de substâncias como a cloroquina e a hidroxicloroquina associadas ao azitromicina para o tratamento da Covid-19, incentivando inclusive novos ensaios clínicos sobre a sua eficácia que não se mostra, entretanto, assertivo. O discurso do presidente, todavia alcança milhares de brasileiros que adotam tais medidas como forma única de defesa contra o atual cenário.

Em **8 de abril** foi registrado no país 133 mortes em 24 horas até que no dia 11 do mesmo mês a taxa de letalidade havia aumentado para 5,4% sendo que 25% desses óbitos eram de pessoas que não apresentavam comorbidades no que diz respeito ao vírus que circula.

Ainda em **abril** o número de mortes no Brasil em 24 horas chega a marca de 600 e o país ultrapassa a China em número de óbitos. Sobre os dados o então presidente em entrevista frente ao Palácio da Alvorada se pronuncia ao afirmar “*E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Sou Messias, mas não faço milagre*” (CNN Brasil, 2020) o que de imediato instiga ainda mais os sentimentos de medo e insegurança da população e justifica o aumento contínuo do número de casos confirmados e óbitos no país.

Em **30 de abril** o então ministro da Saúde afirma que o número de mortes será imprescindível no que diz respeito ao relaxamento das medidas de distanciamento e quarentena, todavia, o número de óbitos somava naquele momento 5.901 o que torna tal fala incoerente quando analisada a realidade daquele momento.

Em **9 de maio** o país chega ao número de 10 mil mortos e o Congresso Nacional decreta luto oficial de três dias. Sendo que no mês de **junho** o país era o terceiro do mundo que mais havia perdido pacientes ficando atrás apenas do Reino Unido e dos Estados Unidos. É nesse momento que o presidente do país ameaça deixar a ONU seguindo a declaração e o posicionamento do até então presidente dos Estados Unidos Donald Trump que chega a romper relações com a entidade. O presidente dos Estados Unidos ainda critica o Brasil por sua posição e condução da crise sanitária.

Em **julho** o país ultrapassa a marca de 2 milhões de casos confirmados além disso um terço das 92.568 mortes somadas até aquele momento teriam todas acontecido naquele mesmo mês. Até que em **agosto** uma luz no fim do túnel surge para aqueles que veem o medo de frente todos os dias, a primeira vacina contra o vírus SARS-CoV-2 é desenvolvida sendo ela a **Vacina Sputnik V**, da Rússia.

Ainda que vista por muitos pelo viés de notícias ceticistas que afirmam a sua ineficácia devido ao número de testagens que antecedem a aplicação, a vacina passa a ser distribuída tendo em vista que é o único fio de esperança capaz de frear os números que não cessam. Todavia, o Brasil por sua vez disponibiliza apenas no mês de **dezembro** o plano de vacinação que ocorreria em 4 etapas e de acordo com os grupos que deveriam ser priorizados e sem a presença da Vacina Sputnik V já que a sua aplicação não foi autorizada pela Anvisa no país.

Desenvolvida no Brasil pelo Instituto Butantan, a CoronaVac demonstra em janeiro de 2021 eficácia de 50,38% ficando acima do limite requerido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pela Anvisa. Na segunda quinzena de janeiro a Anvisa concede a aprovação do uso emergencial das vacinas CoronaVac, do Instituto Butantan e de Oxford pela FioCruz. A vacinação passa a acontecer a partir do dia 17 de janeiro de 2021 e desde esse momento o número de casos no país passa a reduzir.

É importante ressaltar, porém que essa linha evolutiva é aqui traçada⁵ pois ainda que pequenas vitórias, como o caminhar científico, para o processo de descoberta de uma vacina estivessem acontecendo, momentos sombrios como

⁵ Os dados sobre o cenário pandêmico no Brasil podem ser vistos em vários sites disponíveis na ferramenta de pesquisa do Google. Todavia, estes encontram-se sistematizados nos sites listados abaixo:

- (a) BRASIL, Coronavírus: Brasil. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 10 out. 2022.
- (b) DASA, DASA ANALYTICS: Dados COVID-19. Disponível em: <<https://dadoscoronavirus.dasa.com.br/#ip-pom-block-960>>. Acesso em: 10 out. 2022.

estes que foram listados anteriormente não devem ser esquecidos uma vez que as consequências de tais ações – ou falta delas – serão sentidas pelos próximos anos.

Assim, temos a condição da dispersão do vírus e, consequentemente, dos riscos que tal como afirma Beck (2011) são objetos de distribuição sejam elas de ameaça ou posições de classe. Compreendê-lo e perceber a sua dinâmica permite também construir reflexões acerca da sociedade em que vivemos, da era moderna bem como, a construção de diversos questionamentos que precisam passar a ser realizados.

2 SOCIEDADE DE RISCO: UMA ELUCIDAÇÃO TEÓRICA

Para começar a presente reflexão cabem aqui alguns questionamentos a respeito da modernidade e da população que a vivencia em todas as suas faces e totalidade como *o que é o risco? De que forma esse termo se relaciona com a sociedade? Ou, o que é estar em risco?*

De acordo com Marandola Jr. (2004) estar em risco é estar suscetível à um *hazard*. Os *hazards*, de acordo com o mesmo autor, ao realizar uma análise do trabalho de David Jones podem ser divididos em três categorias de análise, sendo elas os *environmental hazards*, que ocorrem em um ambiente físico e biótico; os *technological hazards* que partem das estruturas, processos e produtos tecnológicos; e por fim, os *social hazards* que são resultado do comportamento humano (MARANDOLA JR., 2004).

O cenário pandêmico desde o início apresenta riscos à sociedade moderna e começa como um risco natural (ou *environmental hazards*), ou seja, a transmissão do vírus de animais para seres humanos. Todavia, a partir do momento que atinge o contexto humano ele passa a ser social (*social hazards*) tendo em vista que já não se trata apenas da transmissão e de seus diferentes níveis (animal – ser humano / ser humano – ser humano) mas sim, das medidas adotadas pelos representantes da sociedade moderna que agora vivenciam a incerteza que as situações de risco proporcionam.

De acordo com o Marandola Jr., o risco é algo que está no futuro e que traz incertezas. Corroborando com essa afirmativa Beck (2006) ratifica que elas são reforçadas pelas inovações tecnológicas, ou seja, pelo advento da modernidade que está diretamente relacionado à globalização.

Partindo dessa prerrogativa, Giddens (2002) afirma que o mundo moderno é um “mundo em disparada”, ou seja, as mudanças acontecem de forma muito mais rápida e por consequência, a amplitude e a profundidade com que afetam as práticas sociais e o comportamento humano são muito maiores assim, ninguém pode recuar das transformações sociais que a modernidade provoca.

Nesse sentido Bauman (2007) afirma que ainda que se tente reduzir os riscos aos quais estamos expostos buscando para eles sempre uma justificativa somos incapazes de diminuir o ritmo das mudanças que acontecem em disparada.

Nesse contexto de grandes transformações, relações e onde a ciência da exposição ao perigo é uma realidade, [...] Quando se fala em medo um leque vasto de definições e tipologias se abre. [...] Passam-se séculos e novos medos surgem ou ganham força [...] Assim, cada sociedade, a cada tempo, é permeada por tipos de medo que permanecem, desaparecem ou se ressignificam+ de acordo com o contexto espacial e temporal (BAYER; DANTAS, 2018, p. 10).

De acordo com Beck (2006) essas mudanças e novas tecnologias trazem em sua bagagem a impossibilidade de saber o que irá acontecer depois e nesse emaranhado de mudanças e incertezas há o que ele chama de “oceano de ignorância” (*not knowing*).

Para compreender esse processo das mudanças e não-existências a longo prazo, é necessário se atentar ao fato de que as sociedades, assim como as cidades, não são intocáveis, elas passam por grandes e intensas transformações com o tempo. Nesse sentido, Volochko afirma que

[...] a população é uma pré-condição para a existência de uma sociedade, a sociedade vai sendo composta por populações, e estas, por sua vez, vão sendo compostas por gerações de indivíduos/famílias. A população nos remete à uma noção de tempo também em uma dimensão biológica: do nascimento à morte, passando pela reprodução, sendo o tempo da população mais curto que o tempo da sociedade. (VOLOCHKO, 2020, p-35-36)

E, assim como a ideia de sociedade não é um advento da modernidade os riscos que a permeiam também não o são apesar de o conceito tal como o conhecemos ser. A evolução da terminologia pode ser identificada com Beck (2011) que, partindo desta prerrogativa afirma que quando Colombo sai em busca de novas terras assume os riscos que essa aventura marítima irá proporcionar, todavia, os riscos por ele assumidos se dão em tom de ousadia e aventura, diferente dos riscos assumidos hoje frente à uma pandemia mundial que além da globalidade do seu alcance deve considerar a mortalidade.

Todavia, quando se fala que é um conceito moderno estamos nos baseando no fato de que, segundo Beck (2006, p. 6) “[...] A novidade da sociedade de risco repousa no fato de que nossas decisões civilizacionais envolvem consequências e perigos globais, e isso contradiz radicalmente a linguagem institucionalizada do controle”. Corroborando com essa afirmativa, Bauman reforça que

Num planeta negativamente globalizado, a segurança não pode ser obtida, muito menos assegurada, dentro de um único país ou de um grupo selecionado de países – não apenas por seus próprios meios nem independentemente do que acontece no resto do mundo. (BAUMAN, 2007, p. 9)

A modernização junto à globalização cria a ilusão de que as fronteiras e a segurança que o capital é capaz de pagar irão assegurar a sua vida e, ainda de acordo com Beck (2011) as riquezas e os riscos podem ser considerados objetos de distribuição, todavia, esta não ocorre de maneira linear, tendo assim um público-alvo que sofre ou recebe os seus impactos. Enquanto temos uma classe social em busca de viagens ou meios que possibilitem a ela passar por um perigo iminente de forma tranquilo, pessoas com baixo poder aquisitivo vivenciam uma espiral de caos (BAUMAN, 2007).

Compreender a formação de uma sociedade de risco é perceber que, ainda que o perigo faça parte da realidade da sociedade como um todo, o risco não é o mesmo para todos. Afinal, levando em consideração as medidas preventivas adotadas pelo decreto de 17.03.20 concernente ao isolamento social.

Como falar de isolamento social [...] nas residências [onde] vivem mais de cinco pessoas em um cômodo? Como higienizar, lavando as mãos, se não se tem água tratada e o esgoto escorre a céu aberto? Como não sair na rua em busca de algum trocado se há demora do Estado nacional em liberar auxílio financeiro para sobrevivência, já que não há trabalho, pois na quarentena apenas os serviços essenciais (os ligados à alimentação, saúde e manutenção de água, luz, esgoto, comunicações, circulação, podem funcionar e mesmo assim com uma série de regras)? Para esses, o isolamento não é uma possibilidade, ao contrário, pode significar a falta até de comida na mesa. Mas ao mesmo tempo implica no aumento da possibilidade de contrair o COVID-19 e as consequências disso podem ser até mesmo fatais. (p. 52-53)

Logo, a sociedade de risco é formada por uma população que enfrenta diariamente as incertezas, mas, que se distinguem nas formas de lidar com elas pois, enquanto alguns possuem meios que diminuem consideravelmente a sua vulnerabilidade como poder aquisitivo para um plano de saúde, o conforto de sua casa durante o período de isolamento, acesso às redes etc., outros sequer são capazes de integrar a grande rede de circulação de capital que uma situação de risco promove.

Exemplo disso é o aumento do índice de desemprego que no ano de 2020, que marca o início da pandemia mundial, chega a 14,4% segundo dados do IBGE, ou seja, 13,7 milhões de pessoas desempregadas. Ainda de acordo com o Instituto no primeiro trimestre de 2022 essa taxa recuou para 11,1%, com cerca de 11,9 milhões de desempregados. É importante apresentar tais dados pois em contraposição a esse cenário temos também a variação do preço de alimentos básicos tal como a carne bovina que, de acordo com o Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação (IBPT) teve um aumento de 146,23%.

Frente à tais afirmações Bauman (2007) ratifica que “Grande parte do capital comercial pode ser – e é – acumulada a partir da insegurança e do medo” (p. 12). Todavia é importante também destacar a responsabilidade do Estado de assegurar as necessidades básicas de sua população por meio de medidas protetivas.

A pandemia permitiu observar sociedades de risco – que vivem a era da incerteza aliada à modernidade – que até então estavam sendo invisibilidades frente à toda a sua fragilidade. Esses números demonstram que o atual contexto vem apenas para reforçar desigualdades já enraizadas pois

Os números relativos à quantidade de solicitações e de beneficiados pelo auxílio emergencial demonstram que a população a ser protegida, ou seja, que vive cotidianamente a incerteza do dia seguinte, é de proporções gigantescas, o que retoma a discussão sobre a continuidade estrutural do trabalho informal, do desemprego e da pobreza no Brasil. Aproximadamente 27 milhões de pessoas se inscreveram para receber o auxílio em menos de 48 horas após o anúncio do governo. Cerca de 83,5% dos trabalhadores estão em posição vulnerável, ou porque são trabalhadores informais ou porque embora tenham vínculos formais, atuam em setores fortemente afetados, aqueles considerados não essenciais. Estimativas indicam que aproximadamente 24 milhões de pessoas fazem parte do mercado de trabalho informal em atividades não essenciais, constituindo o grupo de trabalhadores mais imediatamente atingido pela suspensão das atividades. (VERDI, 2020, p. 45)

Diante das elucidações aqui expostas, é possível perceber que frente à formação de uma sociedade cruelmente exposta aos riscos há também o anseio pelo aumento e acúmulo sem precedentes de capital. Enquanto uns se beneficiam outros veem uma situação de perigo generalizada se construindo e penetrando suas vidas “[...] saturando diariamente a existência humana” (BAUMAN, 2007, p. 16).

Em uma sociedade individualizada, fragmentada e que vivencia momentos que pedem a consciência coletiva, a ciência do perigo é vista como certa. Porém,

ainda que o medo, a insegurança e sentimentos concernentes sejam percebidos é necessário reforçar que os riscos e a incerteza não atingem a todos de maneira igualitária. Portanto, para compreender tal fenômeno a pesquisa prosseguirá para o seu recorte de análise.

3. ESPACIALIZAÇÃO DA PESQUISA: A CIDADE ENQUANTO ESCALA GEOGRÁFICA DE ANÁLISE

A partir de que outro recorte espacial seria possível compreender o atual cenário se não o da cidade? Desde o momento em que nasce até a contemporaneidade, a cidade se converteu em local de relações sociais, produções e constantes transformações. Aqueles que atualmente a habitam, certamente já não vivenciam a mesma cidade quando comparada àquela que existia há um ano, ou até mesmo há alguns dias.

Sendo assim, antes de partir para a análise dessa estrutura é importante compreendê-la enquanto escala geográfica. De acordo com Smith (apud ENDLICH, 2020, p. 48) existem 8 escalas, sendo elas a escala do corpo; a escala doméstica/casa; a escala da comunidade; a escala urbana; a escala local; a escala regional; a escala nacional e a escala mundial. Cada uma delas possui uma função além de recorte espacial e relações.

Ainda de acordo com o autor essas escalas são socialmente produzidas e indicam as dimensões de poder e o avanço do capital (Smith apud ENDLICH, 2020, p. 48). Logo, ao nos debruçarmos na escala urbana é necessário compreender a forte influência que o capitalismo exerce sobre ela e as modificações que ele provoca.

Partindo dessa prerrogativa entendemos que a cidade enquanto estrutura viva e produtiva seja ela pequena, média ou grande, de meados do ano de 2019 passou por intensas ressignificações e, assim, as vozes ecoantes, os risos e o aglomerado de pessoas e carros subindo e descendo avenidas, deram lugar ao medo forjado a partir do vazio e do silêncio ensurdecedor.

Afinal, de acordo com Correa (2004) é a cidade uma grande concentração das mais diversas atividades, que vão desde comerciais até as que fazem parte do cotidiano, manifestando-se de forma empírica, o que leva à percepção imediata da diminuição dessas ações tal como ocorre atualmente.

Ainda de acordo com o autor o espaço urbano enquanto capitalista é “(...) um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem o espaço. (...)” (p. 11). Quem seria então esses agentes sociais e de que forma podemos percebê-los na contemporaneidade e realidade aqui analisada?

De acordo com Correa (2004) o primeiro deles seriam os proprietários dos meios de produção (grandes industriais), que instigam a formação do que Bauman analisa como sociedade de consumo. Todavia é importante elucidar o fato de que ainda que essa indústria seja exposta a todos, para assim aguçar os seus sentidos e vontade de consumir de maneira exacerbada, ela não pode ser usufruída por todos devido às grandes desigualdades existentes.

No cenário pandêmico essas desigualdades são ainda mais perceptíveis tendo em vista que tal como supracitado houve um aumento considerável do valor dos alimentos enquanto o poder de compra e desemprego caminhavam em sentido oposto.

Todavia, antes de iniciar as relações necessárias à cidade na presente pesquisa, cabe inicialmente questionar o *que é a cidade?* Esta pergunta foi realizada por vários pesquisadores no decorrer do período histórico, fossem eles geógrafos, historiadores, sociólogos etc. E de acordo com Carlos (2009, p.11) quando esta pergunta é colocada cerca de 80% das pessoas costumam relacioná-la à “[...] ruas, prédios, carros, congestionamento, multidão, gente [...]”. Todavia, esta perspectiva, um tanto imediata e voltada à ideia de metrópole, não permite uma reflexão aprofundada sobre tal conceito afinal, como supracitado, a cidade é o local onde acontecem as relações sociais, onde as pessoas constroem o seu habitar, modificam as paisagens de acordo com as suas necessidades e alimentam, constantemente, sentimentos relacionados às diversas sensações que ela permite.

Sendo assim, de acordo com a autora

Hoje, a cidade é a expressão mais contundente do processo de produção da humanidade sob a égide das relações desencadeadas pela formação econômica e social capitalista. Na cidade, a separação homem-natureza, a atomização das relações e as desigualdades sociais se mostram de forma eloquente. Mas **ao analisá-la, torna-se importante o resgate das emoções e sentimentos**; a reabilitação dos sentidos humanos que nos faz pensar a cidade para além das formas. Isso nos faz analisar a cidade para além do homem premido por necessidades vitais (comer, beber, vestir, ter um teto para morar), esmagado por preocupações imediatas. A cidade é um modo de viver, pensar, mas também sentir. [...] (CARLOS, 2009, p. 25-26)

Ou seja, a cidade tal como mencionada por Carlos e enquanto espaço social é dinâmica e mutável tal como a sociedade que a habita e constantemente forjam-na

de acordo com as suas necessidades. Para comprehendê-la é necessário partir do pressuposto de que, além de escala geográfica, é a cidade também espaço de experiências, vivências, conexões sendo que nela se constroem múltiplas relações sejam aquelas vindas entre os homens ou a relação homem/natureza/espaço.

Após a contextualização realizada um novo questionamento torna-se pertinente, afinal, de que maneira o cenário pandêmico e o sentimento de medo e insegurança estão associados à cidade e qual é a importância de pesquisar a sua evolução? Rolnik (1988), auxilia na justificativa ao dizer que a cidade é *lócus* de relações humanas, nela nunca se está só, o homem é apenas um fragmento de um conjunto, logo, parte do coletivo. Sendo um cenário de relações humanas, de medo e inseguranças, de necessidades e constantes transformações, chega-se à uma “pré-conclusão” de que o atual contexto é um sintoma ou lembrete de que elas existem.

Pouco a pouco, assim como a população de uma sociedade muda e dá lugar à outra, a cidade vai se forjando com diferenças perceptíveis a partir do entrelaçamento do atual contexto com a pandemia mundial.

[...] a vida urbana do confinamento vai fortalecendo a construção de uma identidade abstrata – marcada pela sociedade de consumo – através de um modelo manipulador que reorganiza as relações sociais direcionadas pelo consumo dos signos e do espetáculo que dão sustentação à urbanidade, sob o capitalismo, fundada no desenvolvimento do individualismo pontuado pela competitividade que ilumina a ética do “cada um por si”. (CARLOS, 2020, p. 13)

Assim é possível identificar a constância com que as pessoas se fecham em seu ‘próprio mundo’ tentando adaptar-se à correria do dia a dia, ao novo trabalho e ao bombardeio de informações, ainda que nem todos vivenciem essas mesmas condições.

A partir da iniciativa de várias universidades, entidades, ONG’s, entre outros locais que sediam pesquisas científicas tem sido realizado um esforço contínuo para compreender a atual pandemia e assuntos relativos a ela. Os resultados apesar de caminharem a passos lentos, já que o cenário vem se moldando dia após dia de forma inédita, demonstram importantes esclarecimentos a respeito do assunto.

É importante enfatizar a incerteza do momento atual e as várias dúvidas dele recorrentes afinal quanto mais ‘respostas’ obtém-se, mais questionamentos se

constroem e, enquanto auxiliadora nesse momento, de acordo com Ferreira e Mendes (2007) a ciência, apenas tem sentido se redirecionada para o homem, numa tentativa de corrigir suas ações ou alertá-lo. **Não existe ciência sem o homem.** E é o homem o principal objeto de análise, junto ao urbano/as cidades, do cenário pandêmico.

Sendo assim, é aqui que se estabelece a principal relação que norteia essa pesquisa, são as cidades, integradas à era moderna movidas pelo homem que por sua vez são movidos por sentimentos e é justamente no meio dessa relação que se estabelece o sentimento de medo e a ciência da exposição ao perigo. De acordo com Bayer e Dantas

[...] O espaço construído tendo como fio condutor o medo se revela um emaranhado de possibilidades que (re)condicionam valores, enraizamentos, desenraizamentos, trajetórias, encontros, desencontros, pondo em contato humanos, coisas, sentimentos e afetos. [...] (BAYER; DANTAS, 2018, p. 2).

Todas as concepções descritas são construídas na era moderna que carrega com ela o dinamismo de se reinventar pois “[...] o mundo moderno é um “mundo em disparada” (GIDDENS, 2002, p. 27) onde a amplitude de tudo o que ocorre é muito maior e “[...] Nada pode verdadeiramente ser, ou permanecer por muito tempo, indiferente a qualquer outra coisa: intocado e intocável” (BAUMAN, 2007, p. 7). É o sentimento de medo, a ciência do perigo e a exposição aos *riscos* uma consequência da modernidade.

Falamos sobre cidades, perigo, riscos... E é aqui que surge o segundo importante questionamento afinal *o que são os riscos?* Marandola Jr. (2004) ao realizar uma análise do trabalho de David Jones apresenta os riscos a partir de três categorias de análise, sendo elas os *environmental hazards*, que ocorrem em um ambiente físico e biótico; os *technological hazards* que partem das estruturas, processos e produtos tecnológicos; e por fim, os *social hazards* que são resultados do comportamento humano.

Assim, tendo a pesquisa como principal objetivo compreender os impactos da pandemia de SARS-CoV-2 na sociedade moderna, os *social hazards* se consolidam devido à exposição da população ao aumento do número de casos e de óbitos, e à falta de conhecimento e adoção tardia de medidas protetivas por parte das organizações governamentais, o que contribui consequentemente com o aumento

do sentimento do medo frente à exposição à um perigo que tem um risco muito maior àqueles que estão em situação de vulnerabilidade, levando a instituição da chamada sociedade de risco. É importante ressaltar que,

Embora tenhamos ainda um dos sistemas de saúde mais abrangentes da América Latina, a redução sistêmica de recursos responde pelas atuais limitações e da rápida exaustão face à pandemia, exacerbando a vulnerabilidade social e territorial em seu sentido mais brutal. (BARBOSA; TEIXEIRA, 2020, p. 68)

Momentos como esse demonstram o quão invisibilizadas perante a era moderna uma grande parcela populacional é. É certo que nenhum de nós está livre de se sentir livre do perigo, mas os riscos, eles são diferentes e tem o seu público-alvo. Carlos (2020) afirma que

[...] a cidade, ao revelar a segregação, reforça a desigualdade social registrada no fato de que em muitas [...] áreas, as pessoas moram em casas pequenas, onde das torneiras nem sempre sai água, em muitos casos com banheiros compartilhados, com fogões desligados e mesas sem comida. É o lugar de vida de trabalhadores, muitos deles informais, que vivem de bico e dependem da circulação das pessoas. É também aquele do pequeno comércio que vende as mercadorias em quantidades muito pequenas, porque o dinheiro é escasso e nem sempre permite fazer estoques. Aqui, o dentro e fora parecem imbricados e a rua é a condição óbvia do desenrolar da vida tornando difícil o isolamento social. (CALOS, 2020, p. 14)

Cabe questionar - são necessários cenários tão brutais para percebermos que a sociedade é continuamente exposta à problemas que quando agravados evidenciam riscos seletivos que corroboram com crises excludentes principalmente à apenas um grupo? Afinal, as cidades, enquanto meios urbanos e espaços onde habitam as desigualdades tem um histórico já consolidado de contato com o sentimento de medo.

Por volta de 541 d.C., a denominada *Peste de Justiniano*, transmitida por meio de pulgas e ratos contaminados atingiu cerca de 1 milhão de pessoas que em decorrência de seu local de vivência, condições de higiene e demais aspectos que evidenciam a divisão das classes sociais, morrem. Neste sentido, Mumford (2004, p.

57) corrobora ao afirmar que “a cidade, para além de todas as transformações e evoluções, também introduz a segregação de classes, a falta de sentimentos afetivos e a insensibilidade”.

Após esse cenário, durante a Idade Média, por volta de 1343, a Peste Negra, também ocasionada pela peste bubônica mata entre 75 e 200 milhões de pessoas, evidenciando novamente os problemas sociais latentes. Neste período, assim como no anterior o tratamento ainda era precário voltados às ervas e magias, tendo em vista as crenças existentes naquele período. O principal impacto deste contato no que tange as alterações das paisagens da cidade foi a saída do camponês de sua condição servil de precariedade vivenciada no campo em busca de sua real liberdade na cidade.

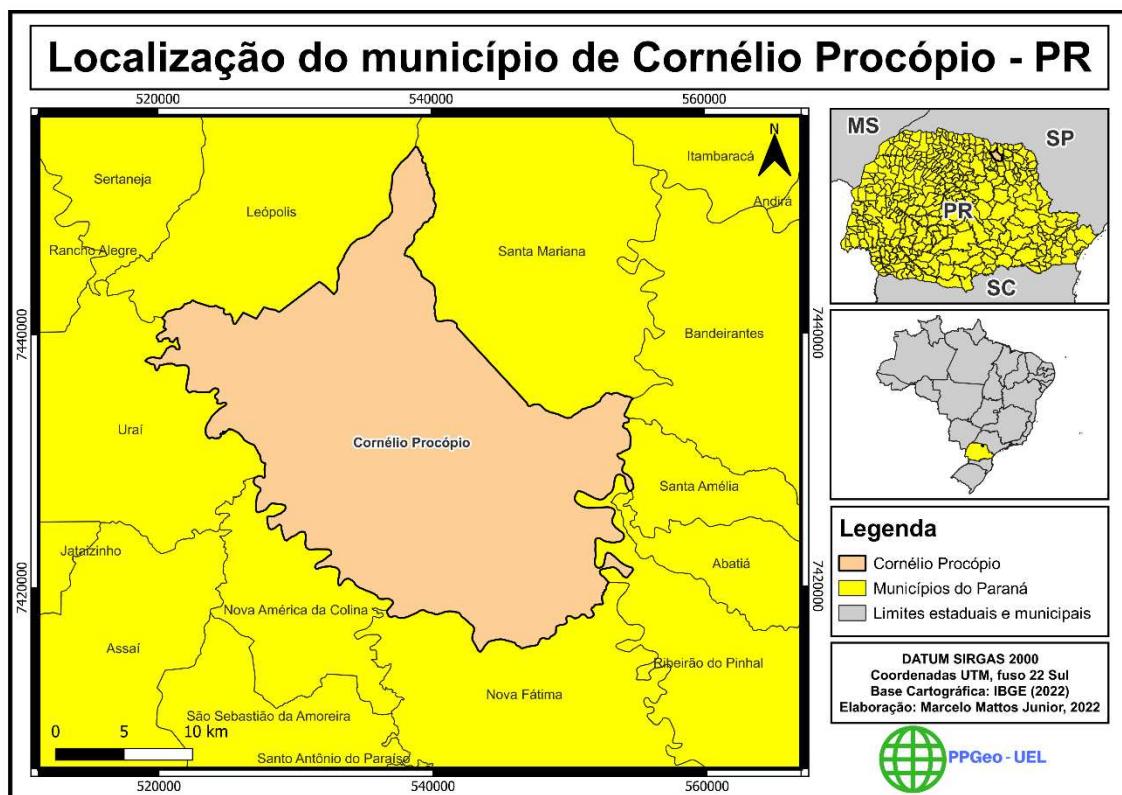
Diante de um contexto tal como o que se apresenta na atualidade, a população e, por consequência, as diferentes sociedades sempre serão se não o objeto, parte necessária da análise, pois é ela que habita, transforma e sofre com as constantes mudanças sociais. Simoni (2020, p. 25) diz que “Se o vírus causador da pandemia tivesse um DNA, ele traria o gene da sociedade urbana [...]. Enquanto Carlos (2020) reitera ao dizer que o cenário atual serve para aprofundar ainda mais as desigualdades já existentes dando início ao que ela chama de “*período inumano*” mas que aqui trataremos como o período em que se forjou a sociedade de risco decorrente de tal contexto.

Todos nós estamos sujeitos à perigos, tal como progressão de doenças, passagem de vírus, entre tantos outros, porém, os riscos não são os mesmos para todos pois, de acordo com Simoni (2020, p.26) “[...] ao mesmo tempo em que o urbano é a concentração de riqueza, ele é também a concentração da pobreza: enquanto reúne e agrupa, ele é exclusão e segregação socioespacial simultaneamente”. Logo, por mais que se construam encaminhamentos, pesquisas e questionamentos acerca do atual momento, essa é, definitivamente tal como a expressão popular apenas a ponta do iceberg.

3.1 A CIDADE DE CORNÉLIO PROCÓPIO, PARANÁ NA EXPOSIÇÃO AO RISCO EMINENTE

Nesse capítulo debruçarmo-nos, ainda que brevemente, sobre questões técnicas e quantitativas a respeito do *lócus* da pesquisa, a cidade de Cornélio Procópio (Figura 1), para assim compreender o seu grau de influência e os impactos sociais vivenciados, compreendendo assim como o risco (*social hazards*) nela se aplica.

Figura 1 – Mapa de localização de Cornélio Procópio



Fonte: Adaptado de IBGE (2022)
Elaboração: Mattos Jr. (2022).

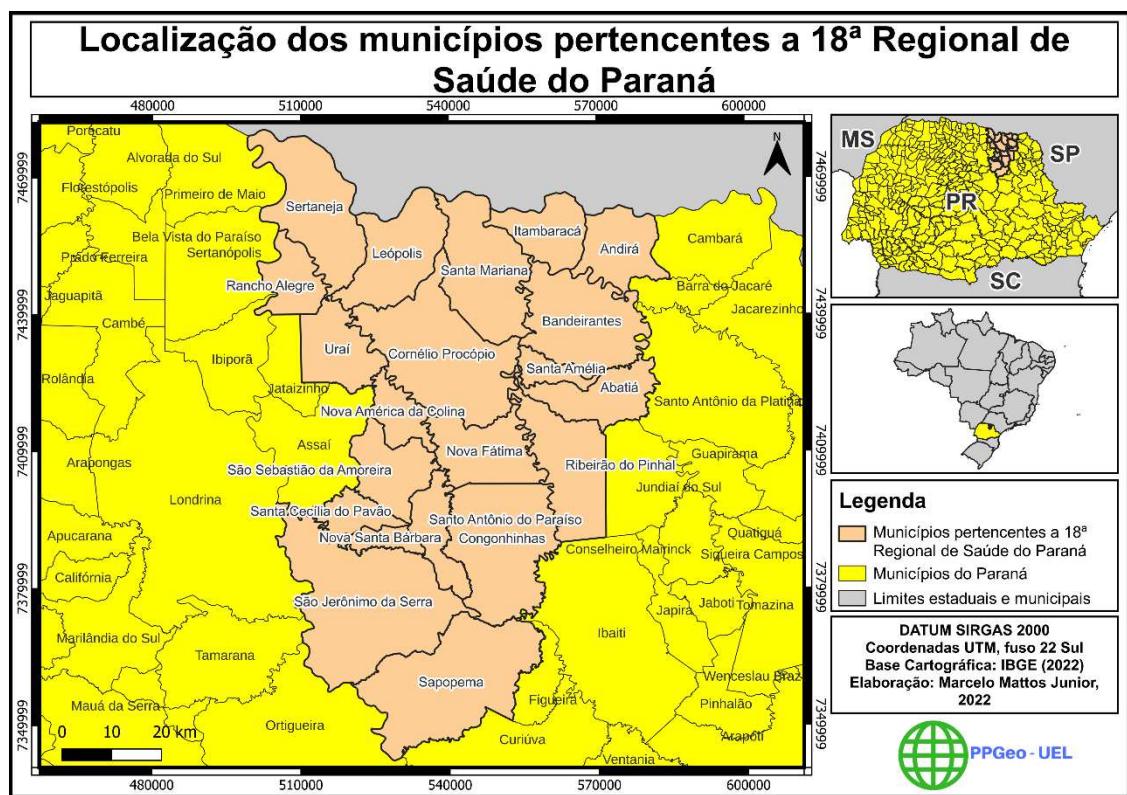
Cornélio Procópio é um município que, de acordo com o último censo (2010) possui uma população de 46.928 habitantes, todavia, aqui optou-se por utilizar a estimativa populacional atualizada pelo IBGE de 47.842 habitantes (2020). O site conta com uma seção com informações a respeito do território municipal onde afirma não ter dados sobre o índice populacional exposto aos riscos [*natural hazards*]

evidenciando o fato de que os riscos costumam ser abordados na maioria das pesquisas científicas a partir de sua perspectiva natural.

A justificativa pela escolha da cidade se dá inicialmente pelo fato do preocupante cenário no que diz respeito à pandemia de coronavírus que apresenta uma linha evolutiva constante relativa ao aumento do número de casos positivados, tendo em vista que foi a primeira cidade com a qual tive contato em meio ao período de isolamento social.

Em seguida, o seu importante papel na linha de frente de enfrentamento ao vírus na 18^a regional de Saúde, microrregião a qual ela pertence (Figura 2) foi mais um ponto importante no momento da escolha do recorte espacial.

Figura 2 – Mapa de localização dos municípios pertencentes a 18^a Regional de Saúde do Paraná e Município de Cornélio Procópio



Fonte: Secretaria De Saúde do Estado do Paraná (2020)
 Elaboração: Mattos Jr. (2022).

O mapa da **Figura 2** representa os municípios que integram a 18^a regional de saúde de Cornélio Procópio e o motivo que justifica a sua representação é que, apesar de Cornélio Procópio enquanto cidade, ter uma população estimada de 47.842 habitantes, o que a caracteriza, quantitativamente, como uma pequena

cidade, ela é o local para onde, mesmo antes da pandemia, as demais cidades que integram a microrregião buscavam por vagas de atendimento especializado.

Tal fato pode ser justificado por meio da pesquisa realizada pelo IBGE a respeito das Regiões de Influência das Cidades (REGIC) que busca por sua vez definir a hierarquia dos centros urbanos brasileiros ao delimitar as regiões de influência a eles associados por meio de uma análise da rede urbana brasileira (REGIC, 2020).

De acordo com o REGIC a rede urbana do Brasil pode ser subdividida em cinco níveis sendo eles Metrópoles, Capitais Regionais, Centro Sub-Regionais, Centros de Zona e Centros Locais. A classificação das cidades em cada um dos níveis é realizada

(...) hierarquicamente, a partir das funções de gestão que exercem sobre outras Cidades, considerando tanto o seu papel de comando em atividades empresariais quanto de gestão pública, e, ainda, em função da sua atratividade para suprir bens e serviços para outras Cidades. (...) (REGIC, p. 11., 2020)

Sendo assim, partindo dessa prerrogativa, a cidade de Cornélio Procópio pode ser classificada como Centro de Zona que é o grupo onde estão as cidades que possuem (...) menores níveis de atividades de gestão, polarizando um número inferior de Cidades vizinhas em virtude da atração direta da população por comércio e serviços baseada nas relações de proximidade. ” O que é o caso da cidade na qual aqui nos debruçamos tendo em vista que esta oferece a rede representada na Figura 2, a 18^a Regional, principalmente serviços de saúde por intermédio do Sistema Único de Saúde (SUS).

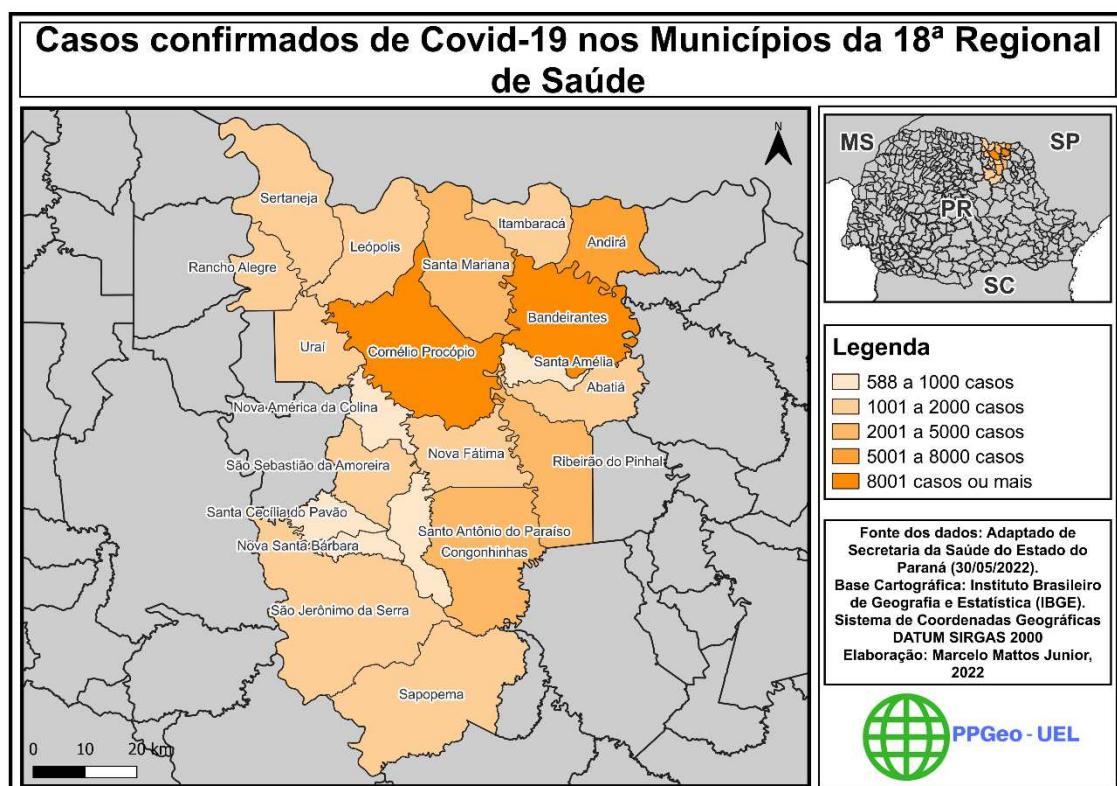
Ainda dentro dessa classificação há as cidades que se enquadram nos **Centros de Zona A** formado por aquelas com cerca de 40 mil habitantes e **Centro de Zona B**, sendo este último de menor porte com cidades que possuem em média de 25 a 35 mil habitantes. O que classifica a cidade aqui estudada como um Centro de Zona A.

Tal como citado anteriormente, a cidade antes mesmo do cenário pandêmico recebia a população das cidades que integram a microrregião para prestação de serviços voltados à área da saúde. Tendo em vista que o cenário intensificou essas migrações pendulares, de acordo com o Governo do Estado do Paraná (2022) foram investidos cerca de 16 milhões no Hospital Regional que fica localizado na cidade e seguirá prestando serviços a esse grupo populacional.

Em seu discurso ao promover a ação, o então governador do Estado, reafirmou a importância da cidade para a microrregião ressaltando o fato de que esta atende um grande e importante grupo e, para este fim deveria ter acesso à equipamentos modernos que serão possíveis por meio da disponibilização de recursos orçamentários.

A importância dessa atitude pela ótica do vírus pode ser demonstrada a partir da figura 3 onde é possível identificar o número de casos confirmados na cidade de Cornélio Procópio e, tendo em vista os seus atendimentos à microrregião, as cidades que são dela integrantes também seguem representadas.

Figura 3 – Casos confirmados de Covid-19 nos Municípios da 18^a



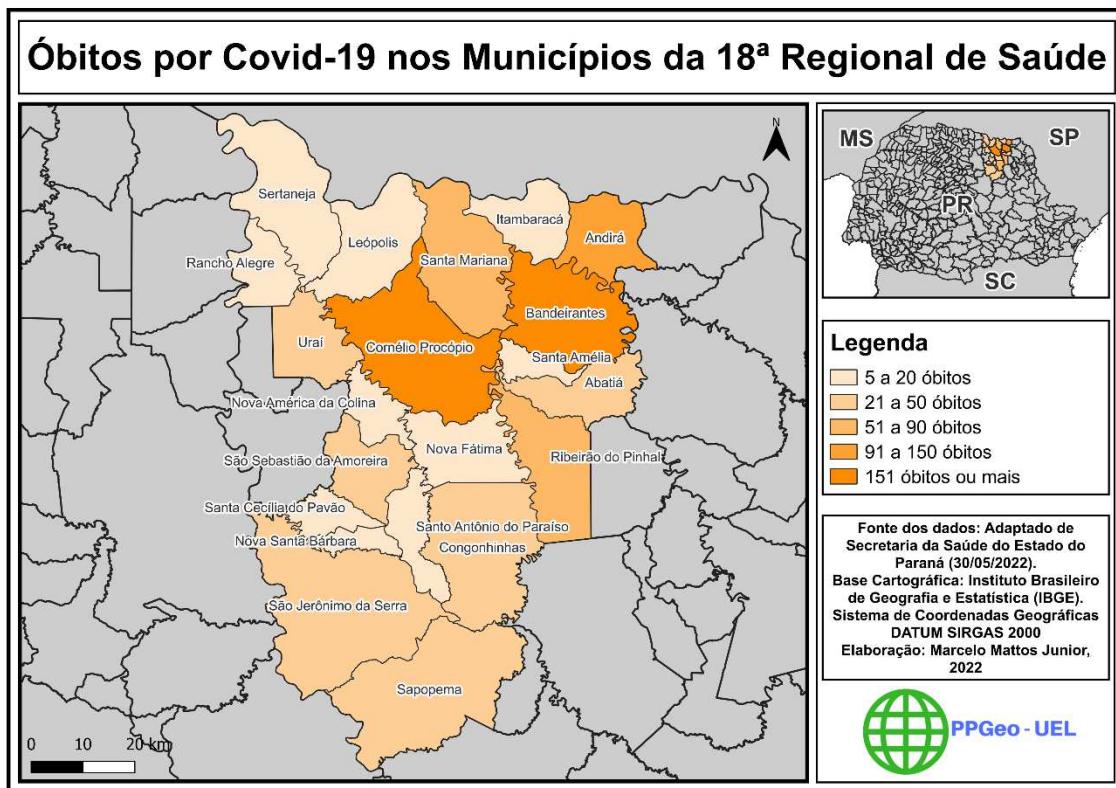
Regional de Saúde

Fonte: Adaptado de Secretaria da Saúde do Estado do Paraná (2022)
 Elaboração: Mattos Jr. (2022).

Foram confirmados mais de 13.000 casos de coronavírus, o que representa cerca de 29% da população, desses cerca de 1,3% vieram a óbito (figura 4). Ao observar tal índice de forma quantitativa se torna difícil dimensionar quão alta é a sua taxa de mortalidade, mas é certo que tais números são preocupantes e,

infelizmente, até o momento da presente pesquisa, não deixam de aumentar, ainda que de maneira lenta após campanha de vacinação que será abordada posteriormente.

Figura 4 – Óbitos por COVID-19 nos municípios que integram a 18^a Regional de Saúde



Fonte: Adaptado de Secretaria da Saúde do Estado do Paraná (2022)
 Elaboração: Mattos Jr. (2022).

Diante deste cenário foram adotadas uma série de medidas, dispostas no **quadro 2**, que iam sendo promulgadas e divulgadas no site da Prefeitura Municipal de Cornélio Procópio e replicadas pelos municípios da 18^a regional de saúde de acordo com a necessidade e número de casos ativos em cada uma das localidades.

Quadro 2 – Medidas oficialmente adotadas pela cidade de Cornélio Procópio por meio de Decretos⁶

DATA DA PUBLICAÇÃO	DECRETO
17/03/2020	Dispõe sobre a suspensão de atividades escolares, sociais, culturais, esportivas, de lazer, de diversão e congêneres, públicas ou privadas, e que venham implicar em aglomeração de pessoas, tais como academias, sessões de cinema, sessões de teatro, eventos em casas noturnas, boates, clubes, bailes, festas, exposições, feiras, shows, jogos esportivos, eventos de clubes recreativos e sociais, tanto público municipal como privado onde ocorra aglomerações de pessoas e da adoção de procedimentos administrativos tendentes à amenizar a propagação do novo coronavírus, no âmbito municipal e dá outras providências.
08/04/2020	Decretado estado de calamidade pública no município de Cornélio Procópio. ⁷
14/04/2020	Autoriza o funcionamento e a abertura ao público do comércio e da prestação de serviço no Município de Cornélio Procópio, nos moldes especificados, impõe toque de recolher e dá outras providências.
29/04/2020	Autoriza, em caráter excepcional, o funcionamento do comércio de Cornélio Procópio nos dias que especifica e dá outras providências.
20/05/2020	Fica interditada, por tempo indeterminado, a Praça do Monumento do Cristo, para a recreação, descanso e lazer, a fim de se evitar a aglomeração e fluxo de pessoas.
29/05/2020 ⁸	Ficam interditadas, por tempo indeterminado, no âmbito do Município de Cornélio Procópio, pistas de caminhada, praças públicas, academias de terceira idade, parques infantis, quadras poliesportivas, campos de futebol e demais espaços públicos que possam ser usados pela população como ponto de encontro, prática esportiva e aglomerações em grupo.

Fonte: Prefeitura de Cornélio Procópio (2020)
Org. Mattos Jr. (2022).

Tais medidas comprovam a teoria anteriormente mencionada a respeito das cidades médias onde ela é vista como o local que auxilia no acesso aos mais diversos serviços, entre eles aqueles concernentes a área da saúde.

É importante ressaltar que a prefeitura da cidade adotou as redes sociais como uma importante fonte de comunicação com os seus moradores e moradores

⁶ Cabe destacar que os boletins municipais, informando a população sobre os casos de COVID-19 eram constantemente publicados no Facebook. Desde o mês de outubro, mês que apresentou a intensificação do número de casos e que se aproximava do fim do ano de 2020, eles tornaram-se menos recorrentes e os dados apresentavam diferenças quando comparados ao boletim oficial do Estado do Paraná.

⁷ Um mês após a confirmação dos primeiros casos na cidade de Cornélio Procópio, PR.

⁸ Data do último decreto oficial disponibilizado no site da Prefeitura de Cornélio Procópio.

das cidades vizinhas (microrregião ou 18º regional de saúde). Porém, para esta análise, foram utilizados como fonte de pesquisa apenas os decretos oficiais disponibilizados e arquivados no site da Prefeitura da cidade, sendo que estes podem ser consultados a qualquer momento e passaram por análise da Secretaria de Segurança de Saúde do Estado do Paraná.

Logo pesquisas relativas ao vírus SARS-CoV-2 que tem como recorte espacial cidades médias e pequenas que são constantemente invisibilizadas em pesquisas científicas e veículos de informação e comunicação em detrimento das grandes metrópoles, são de extrema importância tendo em vista que elas possuem grande importância para o mantimento da ordem e da hierarquização territorial, pois de acordo com Alves *et. al.* (2020, p. 211) “[...] [é papel das cidades médias] o desafio de abreviar, temporalmente, as distâncias físicas extremas para que o acesso à saúde seja o menos desigual possível, sobretudo frente à realidade de desigualdades regionais em que se apresenta”.

Os autores ainda prosseguem ao enfatizar que as cidades médias são as responsáveis ainda por “desafogar” as grandes cidades/metrópoles do papel de suprir as necessidades das cidades que estão em seu entorno, gerando assim uma espécie de ordenamento territorial onde cada local exerce a sua função frente à população.

É importante compreender que apesar de cada espaço possuir a sua função, tendo em vista atender as necessidades populacionais, a cidade não é um espaço neutro (ALVES *et. al.*, 2020) e a afirmativa também se aplica à sua sociedade.

Ainda que a cidade se apresente como um espaço de acessos à população e de prestação de serviços tornando-se assim *lócus* do atendimento de necessidades essenciais e tomada de decisões, é importante a percepção que em meio à era moderna e globalizada e suas constantes mudanças a população ainda vive inerte no que diz respeito à vulnerabilidade que a incerteza de tempos globalizados proporciona, o que por sua vez acende a chama do sentimento que irá então movê-la: o medo.

De acordo com Bauman (2007) uma vez que o medo se apresenta ele não precisa de investimentos para que cresça e se espalhe sobre a população, o autor ainda reforça que, na realidade, o principal não é o medo do perigo à que afinal, todos estamos expostos, mas sim do que ele pode vir a se tornar, o que coloca a população em um campo de incerteza ou seja, de risco.

Após tais apontamentos e levando em consideração as funções e hierarquias existentes no que diz respeito às cidades e que foram aqui pontuadas, ainda que o posicionamento da microrregião tenha sido efetivo seguindo a lógica e disposições de leis federais é importante questionar a falta – ou a demora de políticas nacionais que partem do Governo Federal e que acenderam o alerta para o perigo eminente e a conscientização social a respeito de sua exposição ao risco.

Um dos maiores exemplos é a Portaria nº 343, de 17.3.2020 que substituía as aulas presenciais por aulas remotas durante o período de duração da pandemia de SARS-CoV-2, totalizando dezenove dias de aulas presenciais com casos confirmados em território nacional. A situação se estende para outros ambientes que não os escolares, como o ambiente de trabalho.

Cada dia sem um posicionamento efetivo era repleto de sentimentos que alimentavam a incerteza afinal, se trata de um vírus invisível do qual até então não havia maiores esclarecimentos, até mesmo sobre a sua prevenção. E em meio a tantas incertezas, as ciências também se encontravam em um entrave, Guimarães chega a pontuar que “[...] não há como pensar geograficamente o fenômeno da disseminação espacial da Covid-19 sem responder uma pergunta: onde está? ”, o autor ainda continua

[...] a difusão espacial da Covid-19 não se trata de um problema de saúde pública nos mesmos moldes que outras pandemias trouxeram, mas de um desafio a ser enfrentado cada vez mais relevante no mundo globalizado em que vivemos. [...] alteraram-se as escalas da vida e da economia, ampliaram-se os cruzamentos impostos por um mundo mais complexo, e por isso, se torna necessário transformar nosso olhar para novos problemas. (GUIMARÃES, 2020, p. 120)

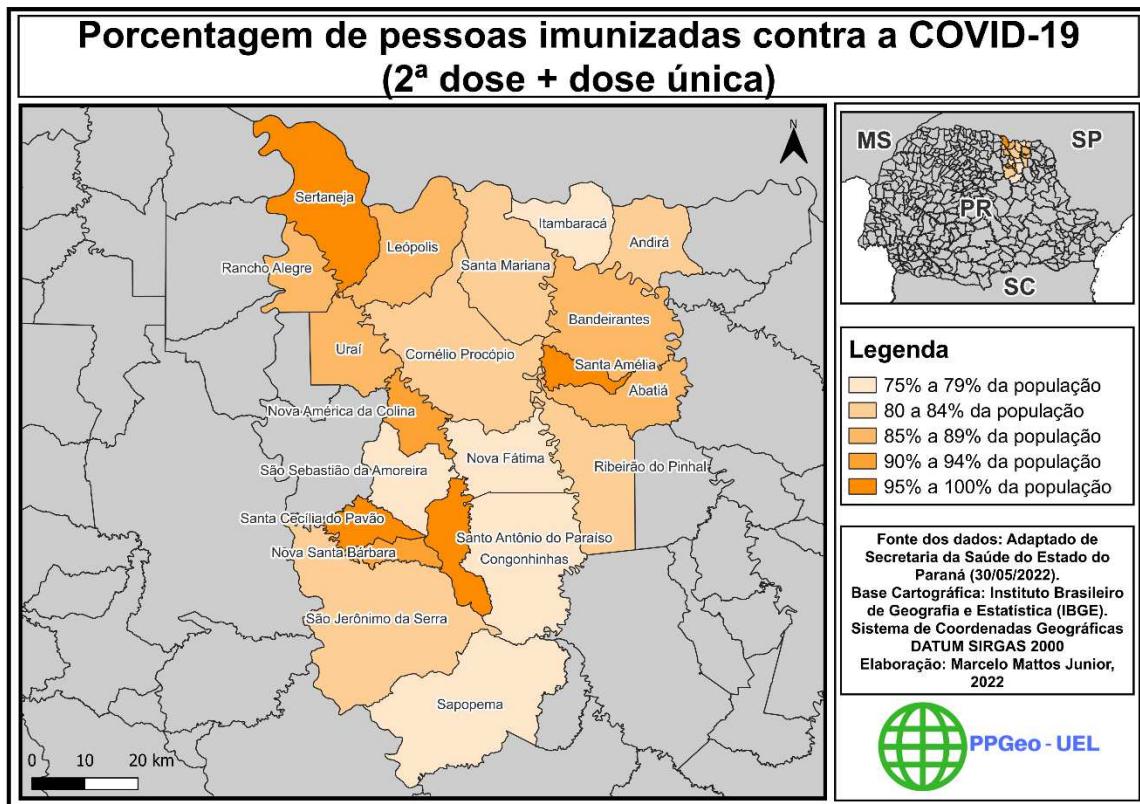
Essa afirmação e novos olhares fazem-se necessários pois tal como afirma Bauman (2007, p.21) o mundo tem se tornado “incuravelmente fragmentado”, portanto, imprevisível. O individualismo ainda de acordo com o autor tem resultado no “[...] enfraquecimentos dos vínculos humanos e definhamento da solidariedade [...] a globalização é um processo parasitário e predatório que se alimenta da energia sugada dos corpos dos Estados – nações e de seus sujeitos”.

Perceber essa fragmentação e individualidade moderna, fruto da chamada globalização negativa respingando até mesmo nas pequenas e médias cidades, local onde os laços tendem a ser mais estreitos, afinal ainda mais as garras do medo tornando a sociedade cada vez mais suscetível aos riscos.

Um olhar ainda mais atento frente à essa era da velocidade e dos fluxos informacionais permitem perceber que apesar do acúmulo de capital que tempos modernos permitem ainda podemos mencionar a globalização enquanto ponto negativo pois, ainda há quem vive constantemente a falta de segurança e as incertezas, tal como afirma Simoni (2020, p. 34) “[...] O que resta do urbano em tempos de pandemia capitalista por aqui é oferecido sem chance de recusa aos condenados pelo mundo do trabalho: eis o avesso do direito à cidade”.

A ponta de esperança estaria na vacinação? Para a grande maioria da população a resposta é assertiva, todavia, ainda é possível visualizar esse fato como uma possibilidade invisibilizada pois, tal como mencionado no **capítulo 1** junto à pandemia de coronavírus veio a epidemia da desinformação, notícias falsas (*fake news*) foram propagadas a ponto de atingir diretamente uma grande parcela populacional que deixou de lado as campanhas e adotou mais uma insegurança: a de que as vacinas são efetivas. A partir da figura 5 é possível visualizar essa explicação.

Figura 5 – Porcentagem de pessoas imunizadas contra a COVID-19 (2^a dose + dose única)



Fonte: Adaptado de Secretaria de Saúde do Estado do Paraná (2022)
 Elaboração: Mattos Jr. (2022)

A cidade de Cornélio Procópio é uma das que vivem os efeitos colaterais dessa epidemia. Também é importante levar em consideração fatores externos que podem ter interferido nesse processo como o grande número de adolescentes não vacinados. Essa informação é baseada em campanhas enfáticas em veículos locais de comunicação e carros de som que circularam a cidade realizando a chamada para esse grupo, infelizmente, ainda não há dados científicos comprovados sobre a cidade em específico. Porém, é alarmante o fato de que apenas cerca de 80% a 84% da população tenha adotado a medida, tendo em vista que essa mesma cidade foi uma das primeiras a começar o processo de imunização dos idosos com idade acima de 60 anos.

Assim, até aqui é possível perceber que a junção dos fatos apresentados a partir de uma escala encurtada de análise estabelece uma sociedade de risco formada pela incerteza do amanhã provocado pela disseminação de um vírus até então desconhecido e que ainda é responsável pela morte de inúmeras pessoas,

inclusive aquelas que são constantemente invisibilizadas das pequenas e médias cidades.

Partindo desta prerrogativa, nos próximos encaminhamentos iremos nos debruçar sobre a compreensão do que é a sociedade de risco, sua concepção e o olhar da própria população – sendo a de Cornélio Procópio, a respeito dessa afirmação. Em tempo, levando em consideração todo o avanço de pesquisas obtidos desde o ano de 2020, será também realizado um levantamento para compreender como as pesquisas científicas têm avançado rumo ao enfrentamento do perigo eminente.

A importância do próximo capítulo está associada aos dados anteriormente apresentados. Compreender como a população experiencia e visualiza o atual contexto é o que aponta as características da sociedade moderna atual. Um dos principais objetivos de uma pesquisa científica é dar voz àqueles que há muito se calam – ou são calados – tornando-os visíveis. Sendo assim, levar a população aqui residente a refletir sobre o atual contexto é conscientizá-las de que, ainda que todos estejam em risco, a sua face é ainda mais evidente para o público-alvo da desigualdade contemporânea.

4 SOCIEDADE DE RISCO: A POPULAÇÃO DE CORNÉLIO PROCÓPIO E OS SEUS OLHARES FRENTE AOS RISCOS GERADOS PELA PANDEMIA

A definição de sociedade de risco, tal como vimos no **capítulo 2**, é forjada a partir de uma população que vive em meio às incertezas que a modernidade provoca. Nesse sentido é possível identificar que “[...] a pandemia vem apenas agravar uma situação de crise a que a população mundial tem vindo a ser sujeita. [...]” (p. 3). A dispersão do vírus que tem início na cidade de Wuhan, que fica na província de Hubei – China, chega à cidade de Cornélio Procópio por meio de uma rede de conexões que a globalização e o seu alcance permitem.

Partindo dessa prerrogativa, para compreender melhor a dinâmica do vírus em Cornélio Procópio optou-se por conversas abertas com a população e agentes da área da saúde que atuam especificamente na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) para casos de SARS-CoV-2.

Para o local onde cada uma das conversas seria realizada foram considerados os ambientes de vivência daqueles que se disponibilizaram a tirar um tempo para o bate-papo sendo eles o bairro central da cidade, onde é possível encontrar um maior número de pessoas e assim abordá-las, e no caso dos agentes da saúde o seu local de trabalho. Deixá-los em sua “zona de conforto” permitiu um bom desenvolvimento da conversa.

É importante reforçar que, ainda há algumas restrições que são adotadas por uma grande parcela populacional, o medo ainda é evidente e, por esse motivo, o número de pessoas com quem falamos é reduzido e as respostas aqui representadas são aquelas que, a partir de nossa análise, representam na prática a sociedade de risco.

Outro ponto importante a ser esclarecido é que os agentes da saúde, devido à demanda de trabalho e às questões de cuidado e proteção foram representados pela coordenadora da enfermagem.

Apesar de não existir um roteiro de perguntas a conversa tinha uma intencionalidade bem definida que era compreender como a população se percebe frente ao risco.

Ainda que a população disposta a auxiliar tenha se apresentado de forma reduzida frente à pandemia ainda vigente as conversas foram encerradas a partir do momento em que as colocações começaram a se repetir em relação aos

sentimentos que do ponto de vista individual definem o atual momento, tendo em vista que esse é o nosso principal ponto de análise.

Mesmo que cada indivíduo tenha uma percepção individual sobre a pandemia, com base nas conversas foi possível obter a percepção do senso de coletividade que foi desenvolvido. Ainda assim é importante destacar os contrastes que foram pouco a pouco se tornando invisíveis.

Para muitos foi possível ficar em casa, vivenciar o dia a dia dos filhos, se alimentar corretamente, ter o conforto de sua cama, energia elétrica, água potável, entre tantas outras coisas que permitem uma passagem um pouco mais “amena” pelo caos. Mas por outro lado, também foi possível observar pessoas desesperadas se questionando “*o que será do amanhã*” e é justamente aí, nas incertezas que os riscos ficam suas raízes.

De acordo com a coordenadora da enfermagem que aqui chamaremos de S., no início de tudo eles não estavam dando conta, principalmente, pelo prenúncio das inúmeras mortes que estavam por vir. A questão do diagnóstico segundo ela era muito demorada, além dos sintomas que eram diferentes e uma incógnita até então.

Ainda segundo ela, quando tudo começou a acontecer o sistema e as decisões eram muito rígidas, desde o termo de isolamento até o fato de as pessoas levarem este a sério e manterem essa orientação. Porém, ela acredita que hoje, pelo cansaço e inúmeras mortes, as coisas estão muito “soltas”.

Ela relata,

[...] é claro que na hora do positivo a pessoa assusta, fica com medo, perguntam “será que eu posso morrer?” mas dá pra ver que não tem nenhuma preocupação ou cuidado antes de se contaminar como antes. Acho que o psicológico está sendo muito afetado né...eu tive uma paciente que já passava por problemas de exclusão e psicológicos, ela é transsexual, quando ela pegou vinha todos os dias dizendo que tava com falta de ar, colocava o oxímetro e nada, a gente já cansado de toda a situação aqui da upa... mas teve um dia que ela chegou e realmente tava com falta de ar, quase foi intubada. Então eu acho que o psicológico influencia muito. (S., coordenadora da enfermagem)

Boaventura de Sousa Santos em seu livro intitulado *A Cruel Pedagogia do vírus*, escrito no ano de 2020, classifica grupos que já vem, antes mesmo da pandemia, sofrendo com a exploração capitalista. Para ele estes grupos antes mesmo do contexto pandêmico começar a ser traçado já viviam uma “quarentena” sofrendo com as mais diferentes formas de dominação, são para ele esses grupos –

as mulheres; os trabalhadores precários, informais, ditos autónomos; os trabalhadores da rua; os sem-abrigo ou populações de rua; os moradores nas periferias pobres das cidades; os deficientes; os idosos e me permito aqui acrescentar, a população LGBTQIA+.

Ratificando essas exclusões invisíveis que passam por muitos despercebido Santos (2020, p.8) afirma que “[...] as zonas de invisibilidade poderão multiplicar-se em muitas outras regiões do mundo, e talvez mesmo aqui, bem perto de cada um de nós. Talvez baste abrir a janela”.

De acordo com a enfermeira o sentimento que se estabelecia a cada positivo era devastador. Ela alega que,

Antigamente a família toda era isolada. Pessoas autônomas choravam desesperadas porque não iam poder trabalhar. Vi gente que passou fome, comércios que fecharam... hoje em dia mesmo com a orientação as pessoas vão trabalhar normalmente. (S., coordenadora da enfermagem)

Ainda durante as conversas que tivemos, uma mulher, de 48 anos, empregada doméstica, relatou uma de suas experiências nesse período, segundo ela que define a pandemia com o sentimento de “**dor**”, a escolha existe, mas não para todos...

Durante a pandemia o meu patrão teve contato com uma pessoa que pegou o vírus e começou a ter os sintomas, ele, a esposa e um dos filhos dele. Eu tive muito medo porque além de ter hipertensão minha mãe tem fibrose e eu ajudo a cuidar dela, achei que ele ia me dispensar, mas disse que não podia porque a mulher não conseguia fazer as coisas do jeito que tava, então eu tive que ir e ficar no mesmo ambiente. Nesse tempo fiquei sem ver a minha mãe e a minha sogra que já é de idade. Sentia medo todos os dias, mas eu não tinha escolha, a gente precisa do dinheiro né... (M3, empregada doméstica)

Ainda partindo dessa prerrogativa que coloca as pessoas de frente a esse medo exacerbado que é movido pelo capital, a coordenadora de enfermagem S. também afirma que pessoas autônomas procuravam a UPA e quando testavam positivo se viam desesperadas, segundo ela “As pessoas choravam de desespero, não pelo medo da doença, mas por medo da fome, do desemprego, medo de morrer.” (S., coordenadora de enfermagem).

Por coincidência, encontramos em uma de nossas visitas ao bairro central da cidade uma idosa que sofre de fibrose cística, ela que já foi diretora de escola municipal e hoje possui 77 anos alega que não viu nada igual. Aquele, segundo ela, era um dos raros momentos em que ela saia para ir ao supermercado, algo que não foi possível durante os anos de 2020 e 2021, anos em que ela ficou completamente isolada em sua casa com uma prima que ela considera irmã e mora junto com ela. Para definir a pandemia a idosa que usa o sentimento “medo” – “*tenho medo de pegar esse vírus*”.

Ainda segundo ela, os anos anteriores foram difíceis pois teve que se afastar dos filhos, netos, amigos e familiares. Ela reforça que durante todo esse tempo ficaram muito distantes e que, ainda que agora estejam um pouco mais “juntos” as relações têm sido muito complicadas pois tem todo um cuidado a cada encontro como o uso de máscaras, a falta de abraços e o distanciamento com medo de que o vírus seja transmitido a ela.

Uma de suas falas reforça inclusive a incerteza do amanhã, envolta pela vulnerabilidade que o cenário lhe permitiu, ela afirma com certeza na voz e medo no olhar: “Eu acredito que esse vírus veio pra ficar, não com a intensidade que ele começou mas, que ele vai ficar vai...” (L1, professora aposentada).

Após as conversas que levaram à uma reflexão aprofundada é possível dizer que era impossível não perceber o medo e a vulnerabilidade em cada uma das falas. Em conversa com o dono de um comércio local, a sua objetividade não deixou claro aquilo que uma conversa um pouco mais alongada permitiu perceber... a queda de suas vendas e o enfrentamento de um outro medo – o de não ter como se sustentar, não apenas a ele, mas a sua esposa.

De acordo com o comerciante o sentimento que define a pandemia é o de **preocupação**, o que reforça o que S. havia reiterado acima sobre àqueles que exercem o serviço autônomo na cidade. Entretanto, de acordo com ele as pessoas ficaram, nesse período, mais solidárias e estreitaram seus laços. Ele acredita que estamos enfim chegando à tranquilidade do “amanhã” tão esperado, porém, pondera que de hoje em diante, em sua opinião, as pessoas passarão a ser mais cuidadosas.

Todas as conversas eram iniciadas com uma pergunta-chave que levava ao desenvolvimento natural do diálogo que se estabelecia: se você pudesse definir a pandemia em um sentimento, qual seria? E os resultados foram representados na

imagem abaixo. A conversa ocorreu com cerca de 20 pessoas⁹, sendo assim as palavras estão de acordo com a seguinte ordem: **azul** – de 3 a 4 pessoas mencionaram; **laranja** – 2 pessoas mencionaram e **cinza** – pelo menos uma pessoa mencionou.

Figura 6 – Nuvem de palavras sobre o cenário pandêmico, formadas a partir do ponto de vista dos moradores de Cornélio Procópio-PR



Org.: Mattos Jr., 2022

A nuvem de palavras demonstra um cenário preocupante para além do atual momento tendo em vista que problemas associados a todas as palavras listadas acometem não apenas a integridade física do ser-humano, mas também mental.

O cenário pandêmico, ainda que no momento em que escrevo não tenha chegado ao fim, não se encerra quando o “vacinômetro” atingir à toda a população brasileira, o que é um objetivo que tem sido visto como inalcançável devido às falsas notícias vinculadas ao processo de vacinação, tampouco quando o número de casos de Covid-19 atingir o marco 0, isso porque as consequências causadas por esse cenário serão vivenciadas em um contexto que será aqui denominado como pós-pandêmico.

Assim como em períodos remotos como saída para o atual cenário a fé serve de apoio no que diz respeito à crença de que o ‘amanhã poderá ser melhor’. Cerca

⁹ As conversas foram aqui apresentadas de modo a evitar repetições já que, o sentimento de acordo com o que pudemos observar gira em torno de medo, angústia e relativos.

de 60% mencionaram Deus ou algo relativo em uma de suas falas. Como a L2 que definiu a pandemia com o sentimento de **tristeza** e encerrou a conversa dizendo,

Eu acredito que... que vai ser bem melhor. Eu acredito que a vacina veio e que vai melhorar, que já tá melhorando né, devagar vai... vai conseguindo combater essa pandemia e com a graça de Deus a gente vai se livrar dela. (L2, dona de casa)

Nesse capítulo foi possível identificar os sentimentos que movimentaram a população de Cornélio Procópio durante a pandemia. Relacionados, todos eles integram uma rede de incertezas que levam todos a vivência do sentimento de estar em risco – viver em risco. Mesmo a modernidade e a globalização sem precedentes possibilitaram o bem-estar e a segurança. Afinal, para atravessar o abismo que habita entre a segurança e o bem-estar é necessário ter o capital que irá construir pontes, não firmes, mas passíveis de serem atravessadas.

Outra pesquisa realizada resultou em relatos obtidos em um momento em que, inicialmente, preparei um questionário que seria aplicado à população em geral para responder às minhas próprias inquietações sobre o cenário pandêmico.

Levando em consideração que questionários não poderiam ser aplicados de maneira presencial, organizei as perguntas de forma que pudesse dar o primeiro passo em relação à minha pesquisa e de maneira que me auxiliasse a compreender a sua pertinência.

As perguntas foram então organizadas na ferramenta Google formulários, que ficou disponível do dia 02/12/2021 ao dia 10/02/2021. O link foi disseminado por meio nas mídias sociais¹⁰, que se tornaram um dos principais instrumentos de apoio aos pesquisadores no atual momento que pede a prevenção, o distanciamento e demais medidas preventivas.

É importante ressaltar que a pesquisa alcançou **538 respostas**, sendo que a última questão, por ser dissertativa e, portanto, optativa, obteve um total de **319 respondentes**.

A partir da análise inicial da última questão foi possível identificar, além da semelhança entre as respostas sobre o medo no atual cenário, a utilização dos

¹⁰ Para este formulário a rede social utilizada foi o Facebook, o link foi disseminado em grupos [não houve um padrão específico] que contabilizam um grande número de membros. Uma vez que as perguntas redirecionavam a resposta sobre o local onde o respondente mora, a análise seria efetiva pois ‘excluiria’ as respostas que para este momento da pesquisa não são pertinentes.

caracteres como forma de desabafo no que diz respeito ao atual contexto. Vozes caladas, desesperadas e que também evidenciam o medo frente à atual pandemia. A cada novo dado, a cada nova estatística, a cada silenciar do governo do Estado frente à situação, o desespero e as incertezas ganham espaço.

As respostas que serão aqui apresentadas (quadro 5), ainda que não sejam de moradores da cidade de Cornélio Procópio, evidenciam a necessidade da não conclusão da pesquisa acadêmica mesmo com a redução do número de casos positivados e de óbitos.

A sociedade de risco forjada no cenário atual carregará com ela consequências pós-pandêmicas que, assim como atualmente, precisarão de empenho científico para não se tornarem novamente invisibilizadas.

Quadro 3 – Olhares plurais: O retrato do Brasil frente à pandemia de SARS-CoV-2

Escreva um pouco sobre como foi para você o cenário pandêmico, fale sobre suas dificuldades, medos e inseguranças frente a esse cenário.	
Resposta 10	<i>"Foi difícil por eu estar encostada pelo INSS (gravidez de alto risco) meu esposo trabalhando por conta, ele nem sempre tinha serviço meu salário era pouco, quando meu bebê nasceu e eu peguei o covid (ele já estava com quatro meses e eu já havia voltado a trabalhar) fiquei com medo dele e do meu esposo pegarem, pois foi muito difícil pra mim. Precisava internar e ir entubada (mas fui teimosa pq sabia que se eu fosse não teria condições de comprar leite pro meu filho) mas teve dias que quase morri, então o medo foi de deixar meus filhos (pq o mais velho foi pra minha mãe dias antes de eu ter a suspeita) fiquei com medo de não ter condições de conseguir comprar medicamentos (como aconteceu) fomos despejados e fui demitida logo depois, então foi horrível pra mim, até hoje estou sem condições direito."</i>
Resposta 19	<i>"Bom, no começo principalmente, tive bastantes crises de ansiedade. Mas, com o decorrer do tempo, meio que me "acostumei". Visto que a pandemia duraria um bom tempo, tive que tentar ao máximo adequar toda a minha vida naquele cenário."</i>
Resposta 21	<i>"Foi e está sendo ruim. Meu pai desenvolveu transtorno do pânico, eu tenho inúmeras crises de ansiedade. Ainda temo a saída do meu pai do trabalho, pois dependo totalmente dele por fazer uma faculdade de tempo integral."</i>
Resposta 24	<i>"Familiares que não respeitaram nenhum momento sequer a pandemia e ainda acreditando em fale news, desemprego que ja era grande se tornando ainda maior, somente minha mãe conseguiu o auxílio e mesmo assim foi uma quarenta muito difícil. Muito medo de contrair, de morrer, de passar pra alguém e carregar a culpa de ter tirado uma vida. No fim, minha própria mãe (que nunca se cuidou) passou pra mim. Fiquei 5 meses sem ver meu namorado que mora à 30min da minha casa. Estou sem ver meus amigos o ano todo e ainda, não me encontrei com ninguém. Foi e está sendo bem cansativo, mas também estou conseguindo tirar muita coisa boa</i>

	<i>disso.”</i>
Resposta 30	<i>“Quando a pandemia iniciou, estava grávida de 10 semanas. Parei de atender presencialmente em meu escritório antes do lockdown e eu e minha família tomamos todos os cuidados. Meu marido é diabético e tenho dois filhos asmáticos. Apesar de não sairmos de casa para absolutamente nada, exceto minhas consultas e exames do pré-natal, com 26 semanas tive sintomas de gripe e falta de ar. Fiquei cianótica e fui internada com covid. Me recuperei após uma semana, mas fiquei com sequelas no pulmão e uma síndrome da coagulação que me levou a ter um parto prematuro. Foi muito difícil ficar longe de meus pais que moram em MG e de meus sogros que moram no RS”</i>
Resposta 33	<i>“Aconteceu bastante coisa, mas não tem muito o que falar de 2020, o ano foi ruim, perdi meu tio e alguns conhecidos por conta dessa doença, tinha arrumado um emprego mas fui demitido por conta desse abre e fecha, o ano não foi fácil pra ninguém.”</i>
Resposta 69	<i>“Meu trabalho nunca parou, meus superiores só pensam no lucro, trabalho no MC Donald's, eles não ligam pra gente, ficamos expostos aglomerações quando os salões abriram, deixavam lotados só pensando em venda, lá a gente não vale nada é muito triste”</i>
Resposta 90	<i>“Precisei trabalhar com um bebê recém nascido junto comigo, era a única forma de suprir (suprir) as necessidades (necessidades) dele, por ser autônoma não tinha opção ou trabalhava ou passava e deixava meus filhos passarem necessidades (necessidades), então ia pra loja todos os dias atende os clientes com meu bebê nos braços . Muito medo e desespero, mas graças a Deus estamos bem.”</i>
Resposta 96	<i>“Pra mim o começo da pandemia foi muito difícil pela insegurança, por ter um filho que vivia com pneumonia, o medo tomou conta, moro em cidade pequena e o primeiro surto foi “tranquilo” aqui, agora esse segundo surto ta tirando a paz de novo, pois os casos aumentaram e estamos em contágio coletivo, ninguém toma cuidado, ninguém se importa só porque a maioria adquiriu sintomas leves. A esperança é que a vacina chegue logo.”</i>
Resposta 143	<i>“Senti bastante medo de contrair o vírus, após contrair Covid-19 fiquei com algumas sequelas. Tive medo de faltar alimento na minha casa, a insegurança volta após o fim do auxílio emergencial, tenho medo de me aproximar de quem quer que seja.”</i>
Resposta 196	<i>“Linha de frente, trabalhando em upa e no SAMU, pra quando sair a vacina o prefeito terceirizar o SAMU e algumas UPAS, profissionais terceirizados recebendo a vacinas antes de nós que lutamos o ano todo contra o covid, perdemos colegas, perdemos familiares e mesmo assim a terceirização veio quando os maiores riscos já tinham sido corrido por nós, e agora pessoas sem experiência assumiram e nós? Vamos trabalhar no postinho de saúde, mesmo com anos trabalhando com urgência e emergência, com APH, com suporte de vida, é muito talento desperdiçado, muitos cursos, muita experiência e pra que? Se soubesse que isso iria acontecer teria ficado em casa, com meu filho pequeno e minha mãe com câncer e não morrendo de medo todos os plantões de pegar algo e passar pra eles! Amo a minha profissão, mas no momento só sinto nojo, do prefeito, dos gestores, de todos os envolvidos nessa terceirização de um serviço tão essencial agora. Se me perguntar quantas vidas eu salvei, nessa pandemia, posso te afirmar com certeza que foi pelo menos uma por dia, e como? Quando saiu o H1N1 eu me especializei, eu conversei com médicos, com pesquisadores, eu sei</i>

	<i>tudo o que se pode saber para tratar de pacientes com síndromes respiratórias e de que isso adiantou? Espero que a vacina saia logo pra todos, se não muita gente ainda vai morrer por falta de capacitação, de experiência e falta de respeito do prefeito com quem sabe o que fazer, com quem passou o ano todo correndo risco e adquirindo experiência!</i>
Resposta 244	<i>Dificuldades em manter a dispensa com alimentos, pensamento negativo em desistir de tudo, início de uma depressão, contas atrasadas, crédito quebrado e menos conforto, tanto individual e coletivo nas necessidades básicas</i>
Resposta 285	<i>Tenho um bebê de 10 meses. Como ir ao trabalho e deixar na mão dos outros? Sem escola? Como ir ao mercado e não levar as crianças? Deixá-las em casa? Deixar o BB com meu menino de 9 anos? Como trabalhar em paz sabendo que como sou da área da Saúde. Poderia facilmente levar o covid pra minha família. Não podemos mais abraçar, beijar, chegar perto de ninguém. A depressão corrói a alma. E nem podemos gritar por um abraço, pois não podemos se abraçar. Desabafar com quem? Se todos estão num mar de insegurança e medo? O que nos resta é pedir a Deus que nos proteja e ir a luta.</i>
Resposta 307	<i>A PANDEMIA foi um momento de afastamento, muitas perdas e novas adversidades. Estou no ensino médio, e o ano passado (2ºano) foi bem complicado. Aulas remotas não são eficazes para um bom aprendizado, obviamente isso é relativo, mas para mim não funciona. Ainda estou tendo as consequências de quase um ano sem ir à escola, estou tendo péssimos resultados no Enem e outros sistemas de avaliação do ensino médio. Ter perdido uma pessoa próxima também foi muito difícil, sem direito a uma despedida. Há saudade das pessoas que não podemos estar em contato, mas nos satisfaz saber que elas estão bem, e todo esse cuidado é necessário. A PANDEMIA e o isolamento social foram repletos de adversidades, mas também muito aprendizado para mim..</i>
Resposta 503	<i>Bom, eu saí do serviço antes da pandemia pra cuidar da minha mãe que teve um infarto(set/out 19), em fevereiro de 2020 me chamaram pra trabalhar, começaria em março, mas começou a quarentena e por ser do grupo de risco(obesidade, asma, pressão alta...) não me contrataram, envio currículos toda a semana e não consigo trabalho. Peguei o seguro em agosto, tive a luz cortada, usei o cartão de crédito por necessidade, estou com o nome sujo agora, primeira vez em 32 anos. Eu me sinto acabada, sem vontade de viver.</i>

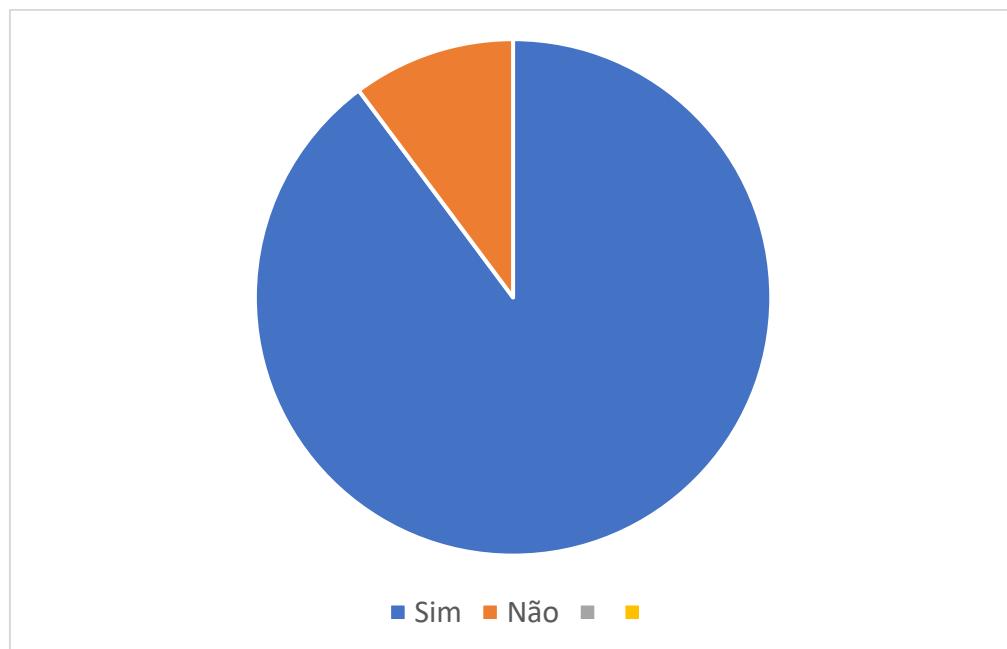
Elaboração: Mattos Jr., 2021.

Para não concluir, essas são apenas algumas das respostas recebidas, levando em consideração o número de relatos recebidos, a palavra medo ou relacionadas aparecem mais vezes do que o número de respostas. O medo sempre existiu, bem como as desigualdades, todavia, a primeira pandemia mundial do mundo contemporâneo, capitalista, globalizado e permito-me aqui citar, imediatista, evidencia ainda mais tais problemas bem como impactam de maneira muito maior

na parcela social que sofre com a falta de cuidados, atenção, de serem vistos e ouvidos, percebidos enquanto cidadãos do mundo.

Ainda no que diz respeito ao formulário aplicado, a questão 10 evidencia o resultado da adoção tardia de medidas – ou não adoção. Bem como o medo sendo escancarado e o risco servido à toda a população. Na **figura 7**, listada abaixo, quase 90% da população afirma ter sentido medo da doença.

Figura 7 – Resposta da questão 10 do formulário: “Você sentiu medo da doença?”



Elaboração: Mattos Jr. (2022).

O medo é, portanto, um sintoma da sociedade atual. Os sentimentos a ele relacionados traz a confirmação daquilo que há muito tempo já vem sendo construído, estamos caminhando para a construção de uma sociedade de risco incentivada pelo advento da modernidade e o capitalismo que com ela vem que nos leva a vivência de tempos que tal como afirma Bauman são líquidos.

Assim como a sociedade não permanece constante os medos se apresentando como substituíveis de acordo com as mudanças do mundo moderno. Cada advento traz com ele uma nova e insegura realidade, todavia, é impossível não o encarar de frente e perceber que o pós-cenário pandêmico traz ainda mais insegurança do que o atual momento e a sociedade que ele vivencia é capaz de reconhecer.

5 A TEORIA ALIADA À COMPREENSÃO DO VÍRUS: DA NECESSIDADE À EVOLUÇÃO DAS PESQUISAS CIENTÍFICAS

O que é a Geografia? O que ela estuda? De que forma é a Geografia uma ciência pertinente para a sociedade contemporânea? Em seu livro *Geografia: Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*, Yves Lacoste realiza o mesmo questionamento e ratifica tudo aquilo que está engendrado na sociedade, a ideia de que o “[...] mundo acredita que a geografia não passa de uma disciplina escolar e universitária, cuja função seria a de fornecer elementos de uma descrição do mundo, numa certa concepção “desinteressada” da cultura dita geral [...]” (LACOSTE, 1988, s. p.).

Pensando a partir dessa prerrogativa é importante ressaltar a diversidade de pesquisas desenvolvidas no âmbito geográfico focadas na compreensão da relação entre o homem e o espaço. Desde pesquisas quantitativas às qualitativas, a ciência geográfica tem se ocupado de compreender os fenômenos sociais e espaciais que ocorrem a partir desta relação, logo, é possível perceber o quão abrangente são os seus estudos.

Cruz (2010) auxilia na colocação ao afirmar que é por intermédio da geografia que se comprehende os fenômenos do espaço e a configuração espacial. Tal papel tem sido bem desempenhado por meio do diálogo com outras ciências, tais como sociologia, antropologia, história etc.

Com um desenvolvimento histórico que se inicia com registros cartográficos que seguem até a contemporaneidade, é na Grécia antiga que a Geografia surge enquanto ciência. Um dos períodos mais importantes para a presente reflexão data dos séculos VII e VI a.C., período que, de acordo com Godoy (2010) viveram os sete sábios e foi a época em que se fundaram aquilo que se denominou de *pólis* (cidade). É neste espaço que aconteciam as relações sociais, as decisões políticas, os entraves e todo o planejamento e hierarquização da sociedade que nela habitava.

Sendo a ciência geográfica, de acordo com Godoy (2010, p. 12), uma “[...] ciência que procura soluções para os problemas expostos pela sociedade”. É importante compreender neste sentido, a relação entre a cidade, o homem e o medo desde o seu surgimento para então, estender tal conhecimento para a contemporaneidade.

De acordo com Tuan (2006) o medo na cidade não é isolado do ser humano, uma vez que é resultado do medo que parte dos habitantes da cidade. É certo que o espaço geográfico é constantemente transformado por meio das ações humanas, e que o contexto atual de mudanças globais tem levado a um mundo de incertezas, neste sentido Marandola Jr. (2007) auxilia ao afirmar que, a sociedade contemporânea traz com ela medos como “[...] a natureza, o desconhecido, bruxas, **doenças**, fome, desastres naturais, fantasmas, o outro, **o isolamento**, a humilhação, o castigo e tantos outros medos (p. 270).

É ainda nesta perspectiva que o autor continua ao pontuar que a humanidade, em todo o seu período e contexto histórico foi marcada por incertezas. Sendo estas causadas por medo, insegurança e angústias em relação ao que não podia ser explicado (MARANDOLA JR., 2007).

Corroborando com a afirmação do autor, Bauman (2008) em seu livro *Medo Líquido*, afirma que, “Medo é o nome que damos a nossa **incerteza**: nossa **ignorância** da ameaça e o que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la [...]” (BAUMAN, 2008, s.p.). E é esse emaranhado de construções, sentimentos e não-saberes que fortificam a construção da sociedade enquanto “**sociedade de risco**”.

No século XXI, ainda não havia sido enfrentado o medo em relação a doenças, a fome e ao isolamento de maneira tão enfática e sobreposta. Porém, no dia 20 de dezembro do ano de 2019, data em que foi descoberto o novo vírus (SARS-CoV-2), o mundo assistiu ao que seria um dos piores momentos históricos, este que tal como Bauman menciona ainda no ano de 2008, 11 anos antes do atual cenário, apresenta incertezas e suscita a ignorância ao trazer vários questionamentos em relação ao seu enfrentamento.

Durante este período, várias foram as iniciativas de pesquisas que tinham como objetivo a compreensão do atual contexto, Universidades e Centros de pesquisas foram fomentados a compartilhar o conhecimento de suas áreas investigativas sobre o novo e desafiador cenário.

No contexto da ciência geográfica, vários são os exemplos, vejamos no quadro a seguir.

Quadro 4 – Produções sobre a Pandemia de SARS-CoV-2

Rastreio do Coronavírus, da Universidade Johns Hopkins	Situada nos Estados Unidos a Universidade elaborou o rastreio que foi e é utilizado mundialmente como um dos principais instrumentos de mapeamento da rápida dispersão do coronavírus (SARS-CoV-2)
Observatório Geográfico sobre os impactos da COVID-19	Criado pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) conta com uma série de artigos, notícias, além de conteúdo multimídia sobre o coronavírus;
Iniciativas do Prof. Dr. Raul Borges Guimarães, da Universidade Estadual Paulista (Unesp)	O professor Guimarães tem se debruçado principalmente na compreensão do atual cenário a partir da perspectiva da Geografia da Saúde
ATLAS da COVID-19¹¹	Coordenado pelo Prof. Dr. Marcelo Gonçalves (Coordenador do projeto, Geógrafo) em parceria com o IMAP, coordenado pela Profa. Dra. Adriana Castreghini de Freitas Pereira, ambos docentes da Universidade Estadual de Londrina (UEL), o projeto tem como objetivo apresentar mapas dinâmicos e informações sobre a situação do COVID-19, principalmente no Paraná, e auxiliar assim pesquisadores, gestores públicos e demais agentes envolvidos no combate a pandemia no Brasil.

Org.: Mattos Jr. (2022).

É importante por fim citar o projeto, desenvolvido na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), que está localizada justamente na cidade de Cornélio Procópio, *lócus* da pesquisa, intitulado *Jornal Geografia/UENP – As múltiplas Geografias frente a pandemia Covid-19¹²*, composto por um corpo editorial que conta com seis docentes do curso de Licenciatura plena em Geografia, que tem como objetivo apresentar artigos desenvolvidos, principalmente, por acadêmicos do curso, sobre o atual cenário.

Tendo em vista a importância de tal iniciativa para a cidade de Cornélio Procópio, a cidade que integra o nosso recorte espacial, conversamos com um professor da UENP sobre as principais motivações que levaram a esse projeto além do ponto de vista deles enquanto professores e moradores da cidade.

De acordo com o professor, o projeto foi criado após dois meses sem aulas presenciais devido a pandemia de SARS-CoV-2. Inicialmente o seu objetivo era

¹¹ Disponível em: <https://uelgeocovid.webnode.com/>. Acesso em: 28 fev. 2022.

¹² Disponível em: <https://sites.google.com/view/jornalgeografia/in%C3%ADcio?authuser=0>. Acesso em 17 fev. 2020.

promover um diálogo entre os alunos utilizando para isso ferramentas on-line. O jornal surge como uma iniciativa com edição semanal para que alunos e professores pudessem expressar o que estavam sentindo naquele momento.

Durante esse processo buscaram auxílio de enfermeiros, médicos e demais profissionais que ministraram palestras com o objetivo de conscientizar a comunidade acadêmica a respeito de um cenário que até então era incerto.

Atualmente, o jornal passa por revitalização, abordando outras problemáticas para além do Covid-19. Segundo ele, o que buscam agora principalmente é o resgate da participação de seus alunos, tendo em vista que houve uma defasagem muito grande do aprendizado. O professor ainda relata que vivencia hoje salas de aulas com poucos alunos, muitas faltas, inúmeros casos positivados além de casos de ansiedade e dificuldade com prazos de entrega. A principal falta sentida é a vivência da Universidade por parte destes.

Assim como os demais entrevistados o professor definiu em um sentimento o cenário pandêmico, o sentimento escolhido mudou de acordo com o tempo, ele revela que inicialmente era de medo e hoje o sentimento é esperança – após a campanha de vacinação.

Se pudesse defini-lo em uma única frase, esta seria: **Eu confio na ciência!** Essa percepção e diálogo permitiu identificar mais uma vez as notórias desigualdades existentes, pois, em meio às conversas além de toda a angústia que envolvia a sua fala (medo) havia também a preocupação com aqueles alunos que não conseguiam sequer arcar com os custos de álcool gel, sabonetes etc. – tendo em vista o progressivo aumento de seus preços.

Um jornal que começa como uma forma de ensinar e conscientizar os alunos sobre aquilo que já não poderia mais ser ensinado em sala de aula se tornou um importante meio de divulgação científico de informações para a população procopense.

Além das iniciativas mencionadas anteriormente também foi realizado um levantamento de artigos referentes à pandemia e ao vírus de SARS-CoV-2 em revistas científicas para acompanhar o índice de produções e as preocupações que surgiam na comunidade acadêmica geográfica. Para filtrá-las foi utilizada a Plataforma Sucupira e a partir dela selecionadas as revistas nacionais da Geografia que possuíam *Qualis A1* a *B2* (quadro 5). Os artigos foram filtrados do ano de 2020 à primeiro semestre de 2022.

Quadro 5 – Evolução das pesquisas científicas no cenário da Pandemia de SARS-CoV-2

Qualis A1 Nome da revista	Número de artigos encontrados e ano da publicação
GEOUSP: Espaço e Tempo	3 artigos – 2021
Mercator (Fortaleza – Online)	1 artigo – 2021
Sociedade & Natureza (UFU Online)	1 artigo – 2020 2 artigos – 2021 1 artigo – 2022
Qualis A2 Nome da revista	Número de artigos encontrados e ano da publicação
Caminhos de Geografia (UFU)	1 artigo – 2020 3 artigos – 2021 1 artigo – 2022
Geographia (UFF)	5 artigos – 2020 2 artigos – 2021
RBC – Revista Brasileira de Cartografia (Online)	1 artigo – 2021
Revista da Anpege	2 artigos – 2021
Revista Nera (Unesp)	1 artigo – 2020 1 artigo – 2021
Qualis B1 Nome da revista	Número de artigos encontrado e ano da publicação
Boletim de Geografia (UEM)	1 artigo – 2021
Caderno de Geografia (PUC – MG)	1 artigo – 2020 6 artigos – 2021 1 artigo – 2022
Ciência e Saúde coletiva	19 artigos – 2020 45 artigos – 2021 7 artigos – 2022
Espaço e Cultura (UERJ)	1 artigo – 2020 2 artigos – 2021
Estudos geográficos (UNESP)	1 artigo – 2020 1 artigo – 2021 1 artigo – 2022
Estudos Sociedade e Agricultura (UFRRJ)	1 artigo – 2020 2 artigos – 2021 1 artigo – 2022
GEO (UERJ)	14 artigos – 2021
Geografia Londrina (UEL)	1 artigo – 2021
Geosul (UFSC)	2 artigos – 2020 1 artigo – 2022
Geotextos	2 artigos – 2021
Gestão e Produção	1 artigo – 2022
HYGEIA: Revista Brasileira de Geografia Média e da Saúde (Uberlândia)	8 artigos – 2020 2 artigos – 2021 4 artigos – 2022
Percursos (UDESC) – Online	1 artigo – 2020 2 artigos – 2021
Revista Pegada Eletrônica (Online)	21 artigos – 2020

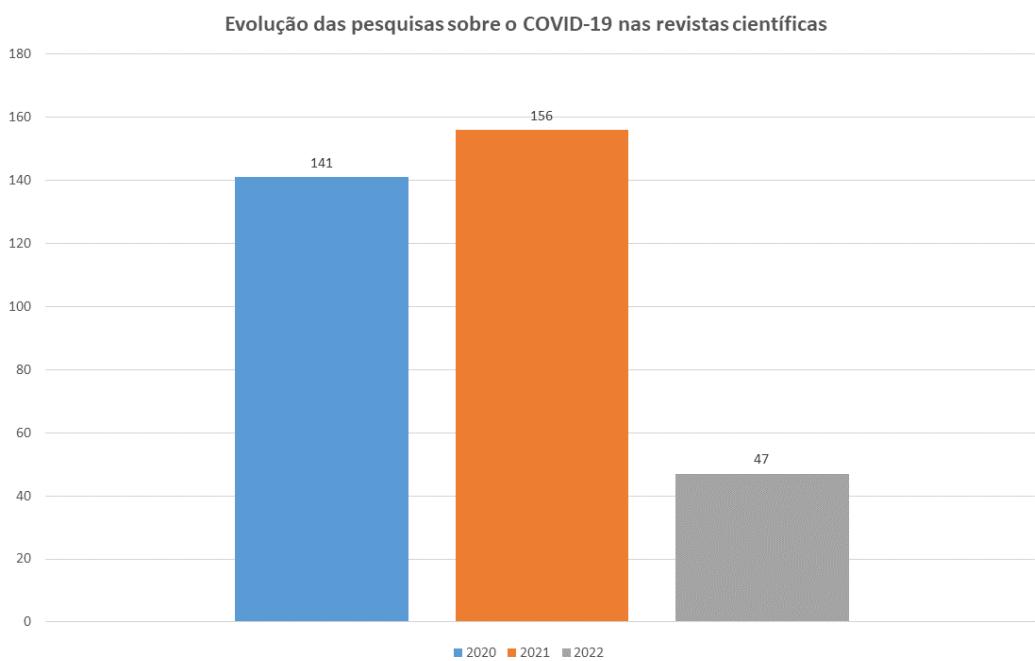
Qualis B2 Nome da revista	Número de artigos encontrado e ano da publicação
Saúde e Sociedade (USP – Online)	2 artigos – 2020 16 artigos – 2021 5 artigos – 2022
Terr@ Plural (UEPG) - Online	2 artigos – 2022
Ambiente & Sociedade (Online)	1 artigo – 2021
Boletim Gaúcho de Geografia	7 artigos – 2021 1 artigo – 2022
Contexto & Educação	4 artigos – 2022
Estudos avançados (USP)	21 artigos – 2020
Estudos feministas	2 artigos – 2020 2 artigos – 2021
Formação (Online)	9 artigos – 2022
Geoambiente (Online)	1 artigo – 2021
Geografaires: Revista do Mestrado e do departamento de Geografia (UFES)	1 artigo – 2020 8 artigos – 2021
Geografia em Questão (Online)	1 artigo – 2020
Geografia, Ensino & Pesquisa (UFSM)	2 artigos – 2020 1 artigo – 2021 2 artigos – 2022
Geografia (Rio Claro) – Online	1 artigo – 2021
Geografias (UFMG)	1 artigo – 2020
Revista Brasileira de Educação em Geografia	1 artigo – 2022
Revista Brasileira de Estudos da População	1 artigo – 2022
Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais	1 artigo – 2020 1 artigo – 2022
Revista de Geografia (UFJF)	1 artigo – 2020 1 artigo – 2021
Revista Paranaense de Desenvolvimento (Online)	1 artigo – 2021
Revista Sociedade e Território	1 artigo – 2021
Revista Tamoios (Online)	14 artigos – 2020 2 artigos – 2021
Sociedade e Estado (UNB)	1 artigo – 2020 8 artigos – 2021
Sociedade e Território (Natal)	1 artigo 2021

Org.: Mattos Jr. (2022).

As produções listadas demonstram que no ano de 2020, que marca o início da disseminação do vírus, as pesquisas começam a dar os seus primeiros sinais. No primeiro ano pandêmico a comunidade científica já se posiciona em uma linha de frente de buscas para compreender o cenário e os impactos que viriam por consequência.

A preocupação da pesquisa e das leituras realizadas para a construção de cada um dos artigos publicados, compartilhados, lidos e que foram alvo de várias investigações apontam para a incerteza. A globalização traz com ela a necessidade incessante por algo concreto, palpável ou até mesmo algo que possamos “culpar”. O cenário e as ações tardias – ou falta de ações gerou uma necessidade de posicionamento por parte da comunidade científica, e em 2021, conforme podemos observar na figura 7, as produções aumentam.

Figura 8 – Evolução das pesquisas sobre Covid-19 nas revistas científicas



Org.: Mattos Jr. (2022).

No primeiro semestre de 2022, após campanha de vacinação e diminuição do número de casos graves de SARS-CoV-2 ou seja, de pacientes apresentaram agravamento do caso e que precisaram de atendimento especializado e leitos disponíveis, as pesquisas científicas diminuíram.

Todavia é importante reforçar que ainda há um semestre pela frente e, que apesar de a esperança e quaisquer outras crenças permitirem olhar para o ‘depois’ deixando de lado toda a vulnerabilidade e incerteza, ainda há uma parcela invisibilizada da sociedade que irá enfrentar durante um longo período as consequências do cenário atual. Eis o outro lado da modernidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À medida que a pesquisa avançava novas janelas se ampliavam frente ao atual contexto afinal, passaram-se apenas dois anos e ainda que o processo de vacinação da população tenha avançado, diminuindo assim consideravelmente a piora do quadro de saúde, o cenário pandêmico trouxe com ele desdobramentos e outras problemáticas que precisam ser analisadas.

A pandemia de SARS-CoV-2 veio com uma série de preocupações entre elas estão os questionamentos sobre quais medidas seriam adotadas pelo governo em relação à população que vivencia diariamente as desigualdades latentes da modernidade. Além disso também foi possível observar a veiculação de notícias falsas que foram sendo propagadas pela mídia com o auxílio das redes sociais e que por sua vez corroboraram com o medo generalizado e maior exposição da sociedade ao risco.

É certo que todos estão expostos aos perigos desde aqueles que se apresentam no cotidiano até os que emergem em situações extraordinárias tal como o cenário pandêmico, mas os riscos são diferentes para os diferentes grupos populacionais e eles tendem a caminhar de acordo com o grau econômico de sua população. Enquanto alguns vivenciaram a pandemia no conforto de seus lares e envoltos de aparatos tecnológicos que possibilitavam o acesso às mais diversas informações, outros viram a outra face desse cenário tendo que escolher entre o seu “ganha pão” e a sua saúde. Isso sequer deveria ser considerado, uma vez que a saúde deveria ser assegurada.

O recorte espacial escolhido, a cidade de Cornélio Procópio, é apenas um reflexo do que os demais espaços vivenciaram no decorrer desses anos sendo administrados por políticas tardias que evidenciaram ainda mais os impactos desse período, ainda mais para aqueles que vivem diariamente as desigualdades que agora, apenas se acentuaram.

A população da cidade de Cornélio Procópio assistiu as portas de comércios locais se fechando, amigos e pessoas próximas perderem os seus empregos, estudantes desistirem de seguir com a graduação por não ter acesso aos recursos que o Ensino à Distância necessita e com isso, um período marcado por doenças mentais como depressão e ansiedade aumentar consideravelmente, a ponto de pesquisadores afirmarem que essa pode vir a ser uma nova pandemia mundial.

Para além disso, foi possível assistir à formação da sociedade de risco que, sem escolha vivenciou o que estava sendo traçado de forma cada vez mais evidente como dias sombrios. Posicionamentos que partiam do Governo Federal apontavam cada vez mais o agravar na situação econômica, porém uma preocupação cada vez mais distante com a saúde de sua população.

Esse cenário por sua vez fomentou a incerteza do amanhã e de direitos que deveriam ser garantidos forjando uma sociedade que levada pelo medo aliada à essas tantas incertezas se configuravam não apenas como uma sociedade moderna vivendo em tempos líquidos e de rápidas mudanças que o seu poder aquisitivo não pode acompanhar, mas também, como uma sociedade de risco.

A sociedade de risco que hoje se forma por meio desse contexto ainda viverá os impactos do depois, de um futuro incerto em todos os sentidos. É papel governamental garantir os seus direitos de uma vida digna. Ainda que perceptíveis os problemas hoje evidenciados não revelam a extensão dos problemas futuros. Tal como os relatos apresentam as perdas foram e continuam sendo devastadoras e exigirá um maior tempo para a sua recuperação.

Assim como os autores aqui utilizados mencionam em suas produções e análises pudemos vivenciar a globalização negativa. Costumamos olhar para ela a partir de uma perspectiva que nos permite visualizar o mundo de conexões rápidas que ela trouxe, mas é por meio dessa mesma globalização que se intensificam as individualidades disfarçadas e a expansão do capitalismo que visa apenas os lucros que determinado contexto possibilita desconsiderando os impactos que se desdobrarão a partir disso.

Durante as conversas foi possível perceber o medo em cada olhar, mas ele era ainda mais perceptível naqueles que apresentavam alguma das comorbidades listadas pela Organização Mundial da Saúde, nos grupos que tiveram que renunciar à sua proteção pelo seu ganha pão ou ainda, perderam os seus empregos devido à crise econômica que já se instalava e se tornou ainda mais acentuada durante a pandemia.

Cada conversa soava como um “desabafo” em meio ao atual contexto. Ao ser questionada se havia acompanhamento psicológico para os enfermeiros a coordenadora da enfermagem afirmou que não havia, ainda que necessário. Ter vivenciado cada agravamento, morte e a doença se espalhar de maneira acelerada

deixa marcas profundas que infelizmente estão sendo postergadas e não devidamente tratadas, o que corrobora com um amanhã incerto.

A ciência e as suas produções de 2020 a 2022 aqui listadas reforçam a necessidade anteriormente mencionada pelo professor da UENP em nossas conversas de *acreditar na ciência* afinal, cabe questionar: Sem ela onde estaríamos hoje? A resposta é certa quando levamos em consideração a mobilização de suas pesquisas para o início do processo de vacinação e enfrentamento de tantos outros problemas que surgem entrelaçados a esse contexto e que podem ser aplicadas às mais diversas áreas. **A ciência é fundamental.**

Essa pesquisa permite a partir de outros olhares ampliar a nossa percepção para aquilo que por muito tempo permaneceu invisibilizado – as sociedades de risco (*social hazards*) que se formam frente aos problemas sociais. Reforço aqui a importância da movimentação científica frente a esse grupo afinal, ainda há a necessidade de enfrentamento da recuperação econômica, mas principalmente, das sequelas invisíveis que ficam para trás como as doenças psicológicas e a condição social.

Tal como dito anteriormente essa é apenas mais uma das inúmeras pesquisas que se fazem necessárias, estamos longe de concluir todos os esforços e movimentações que são efetivamente necessários. Frente a uma sociedade que cita o medo e palavras relativas a ela em suas falas constantemente há ainda um grande caminho a ser percorrido no que diz respeito as investigações do atual cenário. Portanto, deixo aqui as considerações, mas, reforço a necessidade de não conclusão e, com a mesma esperança daqueles que integram a sociedade de risco, quero acreditar que dias melhores virão.

7 REFERÊNCIAS

- ABRAMS, Elissa M.; SZEFLER, Stanley J. COVID-19 and the impact of social determinants of health. **The Lancet Respiratory Medicine**, Nova Iorque, v. 8, n. 7, s. p. jul. 2020.
- AHMED, Faheem et. al., Why inequality could spread COVID-19. **The Lancet Public Health**, Nova Iorque, v. 5, n. 5, s. p. Maio, 2020.
- ALGEBAIL, Eveline.; OLIVEIRA, Floriano José Godinho de. A superação do capitalismo em questão: com que prática, em qual direção? **Espaço e Economia: Revista Brasileira de Geografia Econômica**, Rio de Janeiro, v. IX, n. 17, p. 1-7, abr. 2020.
- ALVES, Rita de Cássia O. L. et. al., Cidades Médias e a disseminação do Covid-19 na Bahia. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 30, p. 206-217, jul./dez. 2020.
- BARBOSA, Jorge Luiz. Por uma quarentena de direitos para as favelas e as periferias! **Espaço e Economia: Revista Brasileira de Geografia Econômica**, Rio de Janeiro, v. IX, n. 17, p. 1-7, abr. 2020.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. 2 ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8 Ed. 2 tir. São Paulo: Contexto, 2009.
- CASTILHO, Denis. O vírus com DNA da globalização: o espectro da perversidade. **Espaço e Economia: Revista Brasileira de Geografia Econômica**, Rio de Janeiro, v. IX, n. 17, p. 1-7, abr. 2020.
- CNN Brasil. 'Sou Messias, mas não faço milagre', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus. **CNN Brasil**, São Paulo, 28 de abr. de 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/e-a-vida-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus/>>. Acesso em: 30 set. 2022.
- COSTA, Eduarda Marques da. Cidades médias: contributos para sua definição. **Revista Finisterra**, v. XXXVII, n. 74, 2002. p. 101-128.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 4^a Ed. São Paulo: Editora Ática S.A, 2004.
- CRUZ, Luciana Maria da. **Morfologias urbanas do medo**: a materialização da (in) segurança em bairros nobres do Recife. 2010. 102 fls. Dissertação de Mestrado em Geografia – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2010.

Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).**

ENDLICH, Angela Maria. Repensando as escalas geográficas em tempos de pandemia. In: TÖWS, Ricardo Luiz; MALYSZ, Sandra Terezinha; ENDLICH, Angela Maria (org.). **Pandemia, espaço e tempo: reflexões geográficas.** Maringá - PR: PGE - Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2020. p. 45-62.

FERREIRA, Tânia Maria de Araújo; MENDES, Arthur Junior Silva. A geografia da percepção e planejamento urbano: uma possibilidade em discussão. In: XI Encuentro de Geógrafos da América Latina, 2007, Bogotá D. C. Colômbia. **Anais [...],** 2007.

Marandola Jr., Eduardo; HOGAN, Daniel J. Natural Hazards: o estudo geográfico dos riscos. **Ambiente & Sociedade** – Vol. VII nº. 2 jul./dez. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/asoc/v7n2/24689.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2022.

MARANDOLA Jr., Eduardo. O medo e a insegurança no mundo moderno: uma genealogia. **Geografia**, Rio Claro, v. 32, n. 1, p. 269-271, jan. 2007.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade.** São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

GIDDENS, A. **Identidade e modernidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002. 236 p.

GODOY, Paulo R. Teixeira de. (Org.) **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia.** São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

GUIMARÃES, Raul Borges et. al., O raciocínio geográfico e as chaves de leitura da Covid-19 no território brasileiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 119-139, 2020.

IBGE. Regiões de Influência das Cidades – Regic 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

LACOSTE, Yves. **A geografia:** isso serve, em primeiro lugar para fazer guerra. Tradução Maria Cecília França – Campinas, SP: Papirus, 1988.

MARANDOLA Jr., Eduardo. HOGAN, Daniel Joseph. Natural Hazards: O estudo geográfico dos riscos e perigos. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. VII, n. 2, p. 95-110, dez. 2004.

MATTOS JUNIOR, Marcelo. As faces da violência nas pequenas cidades de Itambaracá e São Jerônimo da Serra, Norte do Paraná. 2016. 66 fls. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura plena em Geografia) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. DataSUS. 2021. Disponível em: <<http://www2.datasus.gov.br/>>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2021.

MUMFORD, Lewis. **A Cidade Na História**: suas origens, transformações e perspectivas. 4 Ed. 2 tir. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WORLD Health Organization. **WHO-convened Global Study of Origins of SARS-CoV-2**: China Part. China: WHO, 2021.

PEREIRA, Anete Marília. **Cidade média e região**: o significado de Montes Claros no Norte de Minas Gerais. 2007. Disponível em:
<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/15921/1/Anete.pdf>. Acesso em: 30 set. 2016.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Editora Brasiliense – Série Primeiros Passos, 1988.

SANFELIU, Carmen B.; TORNÉ, Josep Maria L. Miradas a otros espacios urbanos: las ciudades intermedias. **Geo Crítica / Scripta Nova**: revista eletrônica de geografia y ciências sociais, Barcelona v. 8, n. 165, mayo 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel Pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal, 9^a ed., Rio de Janeiro: Record, 2002.

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO DO PARANÁ. 2021. Disponível em:
<https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Coronavirus-COVID-19>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2021.

SILVA, Moacir M. F. **Tentativa de classificação das cidades brasileiras**. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Brasil, ano VIII, n. 3, p. 283-316. Jul. 1946.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do Medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Instrumento de pesquisa utilizado na coleta de dados

Formulário de pesquisa à população via Google Forms

Dissertação de mestrado - O medo e insegurança na pandemia (COVID-19)

Boa noite pessoal, tudo bem? Eu curso Geografia na Universidade Estadual de Londrina (UEL) e estou realizando uma pesquisa sobre a pandemia da COVID-19, portanto, elaborei um questionário com 12 perguntas e eu ficarei muito grato a quem puder tirar um tempinho para responder, pois irei utilizá-las no desenvolvimento da minha dissertação. Muito obrigado a todos!!!

Link do Google formulário:

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSezFNaOzxJc6wsM8nihFUksB3y_SZdRICXAmPA8-eOJ0ROERw/viewform

Mestrando Marcelo Mattos

E-mail: marcelomattos250@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Geografia

Universidade Estadual de Londrina /UEL

1. Qual a cidade onde você mora?

2. Recebeu o auxílio emergencial?

- Sim
- Não
- Solicitei mas não recebi

3. Trabalhou durante a pandemia?

- Sim
- Não

4. Se pudesse escolher trabalharia durante a pandemia?

- Sim
- Não

5. Foi demitido durante a pandemia?

- Sim
 Não

6. Você teve COVID-19?

- Sim
 Não

7. Conhece alguém que teve COVID-19?

- Sim
 Não

8. Conhece alguém que faleceu devido a complicações da COVID-19?

- Sim
 Não

9. Você é do grupo de risco?

- Sim
 Não

10. Você sentiu medo da doença?

- Sim
 Não

11. Você se sentiu inseguro mesmo tomando todos os cuidados?

- Sim
 Não
 Não tomei todos os cuidados necessários
 Adotei parcialmente os cuidados necessários

12. Escreva um pouco como foi para você a pandemia, suas dificuldades, medos e inseguranças frente a esse cenário.

APÊNDICE B

Respostas da questão 12 do questionário aplicado e listado no APÊNDICE A
tabuladas



<https://docs.google.com/document/d/1vEZgqTMzAEVxfnRWMaUZhDq9YwhTtYa6BKCCYDQ6g9w/edit>